

C. Lewis

A anatomia de uma dor

UM LUTO EM OBSERVAÇÃO



A ANATOMIA DE UMA DOR

C. S. LEWIS

A ANATOMIA DE UMA DOR
um luto em observação

Tradução

Alípio Franca





©1961, de C. S. Lewis
©1996, C. S. Lewis Pte. Ltd.

Título original
A Grief Observed
edição publicada originalmente por
HARPERCOLLINS PUBLISHERS, Ltd.
(Hammersmith, London, United Kingdom)

■
*Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Editora Vida*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
Nova Versão Internacional (NVI),
©2001, publicada por Editora Vida,
salvo indicação em contrário.

■
Coordenação editorial: Sônia Freire Lula Almeida
Edição: Íris Gardini
Revisão: Sérgio Barbosa
Revisão técnica: Carlos Caldas
Consultoria: Luiz Sayão
Diagramação: Sonia Peticov
Foto: Toni Rodrigues
Capa: Moema Cavalcanti

EDITORA VIDA
Rua Júlio de Castilhos, 280,
CEP 03059-000 São Paulo, SP
Tel.: 0 xx 11 6618 7000
Fax: 0 xx 11 6618 7050
www.editoravida.com.br
www.vidaacademica.net

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lewis, C. S., 1898-1963

A anatomia de uma dor: um luto em observação / C. S. Lewis; tra-
duzido por Alípio Franca Correia Neto — São Paulo: Editora Vida, 2007.

Título original: *A Grief Observed*
ISBN 85-7367-859-3
ISBN 978-85-7367-859-8

1. Consolação 2. Davidman, Joy 3. Lewis, C. S., 1898-1963 4.
Luto — Aspectos religiosos — Cristianismo I. Título
07-4912 CDD-242.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Luto: Meditações: Cristianismo 242.4

SUMÁRIO

<i>Prefácio à edição brasileira</i>	7
<i>Prefácio à edição original</i>	11
<i>Introdução</i>	17
CAPÍTULO UM	29
CAPÍTULO DOIS	41
CAPÍTULO TRÊS	57
CAPÍTULO QUATRO	77

CRÉDITOS

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Carlos Caldas

PREFÁCIO À EDIÇÃO ORIGINAL

Madeleine L'Engle

INTRODUÇÃO

Douglas H. Gresham

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

É fato bastante conhecido que C. S. Lewis foi um dos mais influentes e importantes pensadores cristãos do século XX. No Brasil, de alguns anos para cá, Lewis tem-se tornado cada vez mais conhecido, bem como algumas passagens de sua vida. Uma delas, a história de seu curto, mas emocionalmente intenso casamento. Lewis casou com Joy Davidman, uma norte-americana divorciada e mãe de dois filhos. O casamento aconteceu por motivação puramente humanitária: Joy era uma estrangeira na Inglaterra e estava ameaçada de deportação. O problema seria resolvido se ela casasse com um cidadão britânico, o que efetivamente ocorreu. No entanto, algo absolutamente inesperado aconteceu: naquele casamento tão improvável, surgiu amor verdadeiro. O casamento foi de curta duração, pois logo Joy foi acometida de um câncer que se revelou fatal.

A anatomia de uma dor é o pungente relato da dor e do sentimento de perda sofrido por Lewis. É curioso observar que, alguns anos antes de passar pela experiência da viuvez, Lewis havia escrito *O problema do sofrimento*. Nessa obra, Lewis fala sobre o drama da dor e do sofrimento com sua

habitual clareza de raciocínio e grande facilidade na exposição de idéias. O livro apresenta uma defesa filosófica da inevitabilidade do sofrimento. Em *O problema do sofrimento* encontra-se a famosa declaração de Lewis quanto ao sofrimento ser o “megafone de Deus”, que ele usa para falar aos seus filhos. Todavia, *A anatomia de uma dor* é bastante diferente. Trata-se da obra mais sombria e amarga de Lewis. Nela, encontram-se não mais idéias teóricas a respeito do sofrimento, mas o relato sincero de toda a confusão emocional, mental e espiritual experimentada por alguém que perdeu a pessoa mais amada. Quem passou por experiência semelhante de certo há de identificar-se com o corajoso e autêntico relato feito pelo autor.

É preciso lembrar que Lewis não foi o primeiro a usar uma linguagem ousada em seu momento de dor — os salmos de lamento da Bíblia utilizam uma linguagem extremamente inovadora em suas orações. Tal linguagem não é fruto de mero desespero ou falta de fé. Muito pelo contrário: o lamento era a oração dos fiéis ao Senhor nos tempos da antiga aliança. O lamento era a oração não de ateus ou de pessoas contra Deus. O lamento era a oração de pessoas que tinham muita intimidade com o Senhor. Deus, em sua graça, concede aos fiéis que estão em aliança com ele a oportunidade de, nas orações de lamento, expressarem sua dor, sua angústia, sua indignação; mas, ao mesmo tempo, sua esperança, assim como C. S. Lewis o faz em *A anatomia de uma dor*. Nestas páginas há revolta e indignação. Não se aceitam consolações fáceis, apresentadas com palavras vazias, assim como os antigos salmistas não aceitavam.

Em *A anatomia de uma dor* encontra-se também a expressão de que, acima de nossa capacidade humana de compreensão, está o Deus que não podemos entender. Se pudessemos entender todas as suas ações, ele não seria Deus. Apesar dessa realidade, esse Deus pode verdadeiramente consolar e dar esperança real que ultrapassa até mesmo a barreira da morte.

Alguns evangélicos brasileiros poderão surpreender-se com a maneira rude pela qual Lewis apresenta suas idéias. Ninguém é obrigado a concordar com tudo o que ele escreveu. A palavra apostólica, que nos recomenda examinar tudo e reter o que é bom, continua sendo válida. Daí que, antes de julgar o autor fundamentando-se em princípios moralistas e simplistas, é preciso admitir que talvez Lewis expresse neste texto o que muitos cristãos que vivem o luto pensam, mas não têm coragem de expressar.

Está de parabéns a Editora Vida pela iniciativa corajosa de publicar esta obra no Brasil.

CARLOS CALDAS

Professor na Escola Superior de Teologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo.

PREFÁCIO À EDIÇÃO ORIGINAL

Quando *A anatomia de uma dor* foi publicada pela primeira vez com o pseudônimo de N. W. Clerk, ela me foi presenteadada por um amigo, e a li com grande interesse e um certo distanciamento. Eu estava na metade do meu casamento, com três filhos jovens e, embora em muito me solidarizasse com C. S. Lewis em seu período de luto pela morte de sua mulher, naquela época essa experiência estava tão distante da minha realidade, que não me tocou profundamente.

Passados muitos anos, depois da morte de meu marido, um outro amigo me enviou a obra e eu li, esperando envolver-me de modo muito mais próximo do que estivera na primeira leitura. Partes do livro tocaram-me profundamente; mas, no conjunto, minha experiência e a de Lewis, com o luto, eram muito diferentes. Em primeiro lugar, quando C. S. Lewis casou com Joy Davidman, ela estava hospitalizada. Ele sabia que casava com uma mulher que estava morrendo de câncer. E mesmo que houvesse o perdão inesperado, e alguns bons anos de suspensão temporária da pena, sua experiência com o casamento era pequena, se comparada a meu casamento de quarenta anos. Ele fora convidado a uma

grande festa de casamento, e o banquete fora-lhe rudemente arrancado antes que ele pudesse ter feito mais do que provar a entrada. Para Lewis, aquela súbita privação acarretou uma breve perda da fé. “... onde está Deus? [...] volte-se para Ele, quando estiver em grande necessidade, quando toda outra forma de amparo for inútil, e o que você encontrará? Uma porta fechada na sua cara”.

A morte de um cônjuge, após um casamento longo e pleno de realizações, é algo bem diferente. Talvez eu nunca tenha sentido mais intimamente a força da presença de Deus do que pude sentir durante os meses da agonia de meu marido e depois de sua morte. Essa presença não apagou o luto. A morte de uma pessoa amada é uma amputação; contudo, quando duas pessoas casam, cada uma delas tem de aceitar que a outra poderá morrer primeiro. Quando C. S. Lewis casou com Joy Davidman, uma coisa era certa: ela morreria primeiro, a menos que acontecesse algo inesperado. Ele entrou no casamento com uma expectativa iminente da morte, num testemunho extraordinário de amor, coragem e sacrifício pessoal. A morte que ocorre depois de um casamento completo e de um período razoável de vida, entretanto, faz parte da questão toda que envolve nascer, amar, viver e morrer.

A leitura de *A anatomia de uma dor* durante meu próprio luto permitiu que eu entendesse que cada experiência com o luto é única. Sempre há, porém, determinadas semelhanças básicas: Lewis menciona o estranho sentimento de medo, a boca seca, o esquecimento. É possível que, a exemplo de Lewis, todas as pessoas que crêm sintam certo horror dos que, porventura, falem diante de uma tragédia “seja feita a

tua vontade”, como se um Deus de amor jamais quisesse algo senão o bem para nós, sua criação. Ele mostra impaciência com os que tentam fingir que a morte não é importante para o cristão, uma impaciência que muitos de nós sentimos, independentemente do tamanho da nossa fé. C. S. Lewis e eu partilhamos, também, do medo da perda da memória. Nenhuma fotografia pode, na verdade, evocar o sorriso da pessoa amada. Vez por outra, certo vislumbre de alguém andando pela rua, de uma pessoa viva, movendo-se, em ação, toca-nos, com a angústia da recordação genuína; mas nossas lembranças, por mais caras que sejam, escorrem inevitavelmente pelo crivo da peneira.

A exemplo de Lewis, também eu mantive um diário, dando continuidade a um hábito começado quando eu estava com meus oito anos. Não há mal algum em se revelar num diário: trata-se de um modo de nos livrarmos da autopiedade, do comodismo e do egocentrismo. O que fazemos em nosso diário nós não despejamos na família nem nos amigos. Sou grata a Lewis pela honestidade de seu diário de dor, porque ele deixa bem claro que ao ser humano é concedido o afligir-se, e isso é normal, que é correto lamentar-se, e que ao cristão não é negada sua reação natural à perda. Lewis faz perguntas que todos fazemos: para onde irão as pessoas que amamos quando morrerem?

Lewis confessa: “ Sempre fui capaz de orar pelos mortos,¹ e ainda o faço, com certa confiança; mas, quando tento orar

¹Essa foi uma posição muito particular de Lewis num momento específico de sua vida e imortalizado nesta obra, o que não reflete nem o consenso evangélico nem a posição da Editora [N. do E.].

por H. [como ele chama Joy Davidman em seu diário], paraliso.”. E esse sentimento eu entendo bem. A pessoa amada é parte tão forte dentro de nós mesmos a ponto de nos faltar a perspectiva da distância. Como orar por aquilo que é parte de nosso coração?

Não temos respostas prontas. A igreja ainda é pré-copernicana em sua atitude com relação à morte. A imagem medieval do céu e do inferno não foi substituída por nada mais realista, ou mais terno. Talvez, para aqueles que estão convencidos de que só os cristãos que partilham seus pontos de vista são salvos e irão para o céu, as velhas idéias ainda sejam adequadas.

Contudo, para a maioria de nós, que vemos um Deus de muito mais amor do que um deus tribal que só faz zelar por seu pequeno grupo, há mais coisas necessárias. E estas são um salto de fé, certa segurança de que aquilo que foi criado com amor não será abandonado. Deus não cria para depois destruir; mas o lugar onde Joy Davidman — ou meu marido — se acha agora não pode ser apresentado por nenhum padre, nenhum ministro, nenhum teólogo nos termos limitados de um fato provável. “... não me venha falar sobre as formas de consolo que a religião dá”, escreve Lewis, “caso contrário, desconfiarei que você não sabe do que está falando.”.

A verdadeira consolação da religião não é cor-de-rosa nem cômoda, mas *con-fortadora*, no sentido verdadeiro da palavra: com força. Força para continuar vivendo e para acreditar em que tudo aquilo de que Joy necessita, ou tudo aquilo de que necessita alguém que amamos e que morreu, equivale a ser alvo daquele Amor que foi a origem de tudo. Lewis,

com propriedade, rejeita os que piedosamente lhe dizem que Joy agora está feliz, que está em paz. Ignoramos o que ocorre depois da morte, mas tenho dúvidas de que todos nós ainda tenhamos muito a aprender, e que a aprendizagem não é necessariamente fácil. Jung afirmava que não se vem à vida sem dor, e isso pode muito bem ser verdadeiro para o que nos sucede após a morte. O importante é que não sabemos. Isso não se acha no campo das provas. Pertence ao campo do amor.

Também sou grata a Lewis por ele ter tido a coragem de gritar, duvidar, revoltar-se contra Deus com violência e raiva. Essa é uma parte saudável do período de luto que, por vezes, não é estimulada em nós. É de fato proveitoso que C. S. Lewis, que se empenhou com tanto êxito em favor do cristianismo, tivesse a coragem de admitir a dúvida acerca do que proclamou de modo tão magistral. Sua dúvida permite-nos admitir nossas próprias dúvidas, nossas revoltas e angústias, e saber que fazem parte do desenvolvimento da alma.

Dessa maneira, Lewis partilha seu próprio desenvolvimento e sua visão crítica. “A consternação não é o truncamento do amor conjugal, mas uma de suas fases regulares — a exemplo da lua-de-mel. O que queremos é viver bem nosso casamento, e de maneira fiel, passando também por essa fase.” Sim, essa é a vocação para a qual tanto o marido quanto a mulher são chamados.

Tenho fotografias de meu marido espalhadas em meu escritório, em meu quarto, agora, depois de sua morte, assim como as tinha por perto enquanto ele estava vivo, mas elas são ícones, não ídolos; projeções instantâneas e minúsculas de

lembranças, não as coisas em si mesmas, e, como diz Lewis, vez por outra constituem um obstáculo, e não uma ajuda à memória. “Toda realidade é iconoclasta”, escreve ele. “A pessoa amada na Terra, até mesmo nesta vida, não cessa de triunfar sobre a simples idéia que você faz dela. E você quer que seja assim; você a quer com todas as resistências, todas as faltas, toda sua imprevisibilidade [...]. E é isso, e não outra imagem ou lembrança qualquer, que devemos amar mesmo depois que ela morra.”

E isso é mais importante do que aparições dos mortos, embora Lewis questione o assunto. No final das contas, o que se irradia ao longo das páginas finais de seu diário de dor é uma afirmação de amor, seu amor por Joy e o dela por ele, amor que se acha no contexto do amor de Deus.

Não se oferecem formas de consolo fáceis nem sentimentais; no entanto o propósito último do amor de Deus a todos nós, criação humana, é o amor. Ler *A anatomia de uma dor* é partilhar não só a dor de C. S. Lewis, como também sua compreensão do amor, e isso é, na verdade, riqueza.

MADELEINE L'ENGLE

Crosswicks, agosto de 1988

Madeleine L'Engle (1918-) escreveu mais de 50 livros, que abrangem muitos gêneros: fantasia [*A Swiftly Tilting Planet* (Um planeta ligeiramente inclinado)], poesia [*A Cry Like a Bell* (Um grito como de sino)], ensaios [*Walking on Water* (Caminhada sobre as águas)] e biografia [*Two-Part Inventio* (Invenção em duas partes)], além de diário [*The Crosswick Journals* (Os diários de Crosswick)]. Recebeu o prêmio Newbery pela obra *A Wrinkle In Time* [*Uma dobra no tempo*, Mundo Cristão, 2000].

INTRODUÇÃO

A anatomia de uma dor não é uma obra comum. Em certo sentido, não se trata absolutamente de um livro; antes é o produto apaixonado de um homem de coragem que se volta para encarar seu sofrimento e analisá-lo a fim de poder entender mais o que se requer de nós ao vivermos esta vida, o que pressupõe termos de esperar o padecimento e a tristeza da perda dos que amamos. É verdade afirmar que bem poucos homens poderiam ter escrito este livro, e ainda mais verdadeiro assegurar que um número menor o teria escrito mesmo que pudesse; menos pessoas, ainda, o teriam publicado, embora o tivessem escrito.

Meu padrasto, C. S. Lewis, já havia escrito acerca do tema do sofrimento (*O problema do sofrimento*, 1940¹), o qual, para ele, não era uma experiência com que não estivesse familiarizado. Ele conhecera o luto quando criança: perdeu a mãe quando estava com nove anos de idade. Lamentou os amigos que perdera com o correr dos anos; alguns mortos em batalha durante a Primeira Guerra Mundial e outros por doença.

¹Reeditado por Editora Vida, 2006 [N. do E.].

Lewis também escrevera sobre os grandes poetas e suas canções de amor, mas de algum modo nem seu aprendizado nem suas experiências o haviam preparado para o contraponto que é a combinação entre o grande amor e a grande perda; o júbilo a pairar nas alturas, que é a descoberta e a conquista da pessoa amada que Deus reservou a nós; e o golpe esmagador, a perda, que é a corrupção de Satanás da grande dádiva que é a de amar e ser amado.

Quando alguém, em conversa, faz referência a este livro, costuma deixar de fora, quer inadvertidamente, quer por negligência, o artigo indefinido do título — o que não deve ser feito em hipótese alguma, pois o título descreve de maneira completa e abrangente o valor real desta obra. Qualquer coisa intitulada “A anatomia da dor” teria de ser tão geral e vaga quanto acadêmica em sua abordagem e, assim, de pouca utilidade a quem quer que aborde ou viva a experiência da perda de alguém.

Este livro, por sua vez, é um duro relato das tentativas refletidas de um homem de atracar-se com a paralisia emocional do sofrimento mais dilacerante de sua vida e o de superá-la no final.

O que faz desta obra algo ainda mais notável é o fato de seu autor ter sido um homem excepcional, e de aquela, por quem pranteou, ter sido uma mulher brilhante. Ambos foram escritores, ambos dotados de talento acadêmico, ambos cristãos comprometidos; aqui, porém, cessam as semelhanças. Fascina-me o modo pelo qual Deus, de tantas maneiras, une pessoas que até então estavam distantes e funde-as na homogeneidade espiritual que é o matrimônio.

Jack (C. S. Lewis) foi um homem cuja erudição extraordinária e capacidade intelectual isolaram-no de grande parte da humanidade. Poucas pessoas houve em seu mundo acadêmico capazes de disputar com ele no debate ou na análise, e os que poderiam fazer isso quase inevitavelmente se viam levados uns aos outros num pequeno grupo organizado que passou a ser conhecido como “The Inklings” [Tinturas] e que nos deixou um legado literário. J. R. R. Tolkien, John Wain, Roger Lancelyn-Green e Neville Coghill estavam entre os que freqüentavam essas reuniões informais.

Helen Joy Gresham (Davidman era seu nome de solteira), o “H.” a que se faz referência neste diário, talvez fosse a única mulher a quem Jack conheceu como seu par intelectual e também tão versada e de educação tão ampla quanto a dele. Os dois partilhavam um outro fator comum: ambos tinham memória absoluta. Jack nunca esqueceu nada do que havia lido; tampouco Helen.

A criação de Jack era um misto de irlandês de classe média (ele veio de Belfast, onde seu pai era procurador do tribunal de polícia) e inglês, situada bem no começo do século XX — época em que os conceitos de honra pessoal, o compromisso total com a palavra empenhada e os princípios gerais de cavalheirismo e boas maneiras ainda eram incutidos no jovem britânico do sexo masculino com muito mais intensidade do que qualquer outra forma de observância religiosa. Os escritos de E. Nesbit, Sir Walter Scott e talvez Rudyard Kipling constituíam os exemplares dos padrões com que Jack foi doutrinado quando jovem.

Minha mãe, por sua vez, não poderia ter uma formação mais divergente do que a dele. Filha de imigrantes de segunda geração de judeus de classe média-baixa, o pai de origem ucraniana, a mãe de origem polonesa, nasceu e foi criada no Bronx na cidade de Nova York. As únicas semelhanças notáveis encontradas na comparação do desenvolvimento que ambos tiveram em seus primeiros anos eram as de que os dois eram detentores de uma inteligência verdadeiramente surpreendente, aliada ao talento acadêmico e à memória eidética. Ambos chegaram a Cristo por uma estrada longa e difícil que vai do ateísmo ao agnosticismo e, deste, pela via do teísmo, finalmente para o cristianismo; ambos desfrutaram de um êxito admirável em seu percurso de estudantes universitários. O de Jack foi interrompido em virtude de seu dever para com a pátria na Primeira Guerra Mundial; o de minha mãe, pelo ativismo político e pelo casamento.

Muito se escreveu, tanto de cunho ficcional como real (vez por outra, um se disfarçando do outro), sobre a vida deles, seu encontro e casamento, contudo a parte mais importante da história que pertence a este livro é tão-somente um certo reconhecimento do grande amor que floresceu entre eles até se tornar uma incandescência quase visível. Davam a impressão de caminhar juntos no fulgor de sua própria criação.

Para que entendamos ao menos um pouco da agonia que esta obra apresenta, bem como a coragem que demonstra, é indispensável reconhecer o amor entre os dois. Quando eu era criança, observei essas duas pessoas notáveis se unirem, primeiramente como amigos, depois, numa progressão incomum, como marido e mulher; por fim, como apaixonados.

dos. Eu fiz parte da amizade, e fui agregado ao casamento, mas permaneci exterior ao amor. Com isso não quero dizer que, de alguma forma, eu tenha sido excluído deliberadamente; mas, de preferência, que o amor entre eles era algo de que eu não poderia, e não deveria, fazer parte.

Mesmo naquela época — no começo da minha pré-adolescência — permaneci do lado de fora e observei o amor desenvolver-se entre os dois, e era capaz de sentir-me feliz por eles. Era uma felicidade tingida de tristeza e medo, pois eu sabia, assim como minha mãe e Jack, que aquele, o melhor dos tempos, seria breve e terminaria em perda.

Eu tinha ainda de aprender que todos os relacionamentos humanos terminam em sofrimento — trata-se do preço que nossa imperfeição permitiu a Satanás extorquir de nós em paga ao privilégio do amor. Eu tinha, por ser jovem, a capacidade de recuperar-me quando minha mãe morreu. Para mim, haveria outros amores a encontrar e, sem dúvida, a seu tempo perder, ou por esses amores deixar-me perder. Quanto a Jack, todavia, aquele fora o fim de muito o que a vida por tanto tempo lhe negara e então lhe oferecera brevemente como uma promessa estéril. Para ele não houve nenhuma das esperanças — por mais vagas que eu possa vê-las — de prados iluminados pela luz do sol nem de luz de vida e risos. Eu tinha em Jack alguém em quem me apoiar, e o pobre Jack só tinha a mim.

Sempre quis a oportunidade de explicar um detalhe deste livro que revela certa incompreensão. Jack refere-se ao fato de que, se ele mencionasse minha mãe, eu poderia ficar incomodado, como se ele houvesse dito algo obsceno. Ele

não entendia o que se passava — algo incomum para ele. Quando minha mãe morreu, eu tinha catorze anos e era o produto de quase sete anos de doutrinação na Escola Preparatória Inglesa. A lição que me foi mais repetida durante todo aquele período era que a maior vergonha que me poderia ocorrer seria ver-me compelido às lágrimas em público. Meninos ingleses não choram; mas eu sabia que, se Jack conversasse comigo acerca de minha mãe, eu cairia num pranto incontrolável, e, pior ainda, ele também. Essa era a fonte do meu incômodo. Foram necessários quase trinta anos para eu aprender a chorar sem ficar envergonhado.

Este diário é um homem que se desnuda emocionalmente em seu próprio Getsêmani. Trata da agonia e do vazio de uma dor, tal como poucos de nós têm de suportar, já que, quanto maior o amor, maior o luto e, quanto mais profunda a fé, mais ferozmente Satanás toma de assalto sua fortaleza.

Quando Jack se viu afligido pelo tormento emocional de seu luto, ele também padeceu a angústia mental advinda dos três anos de uma vida de medo constante, da extrema dor física causada pela osteoporose e de outras enfermidades, além da pura exaustão de gastar aquelas últimas semanas cuidando continuamente da mulher moribunda. Sua mente distendeu-se de uma forma inimaginável muito além do que um homem mais frágil pudesse suportar; passou a tomar nota de seus pensamentos e de suas reações a eles, a fim de que o caos em que se transformara sua mente fizesse algum sentido. Na época em que os registrava, não tinha a intenção de que aquelas efusões fossem publicadas; mas, ao examiná-las

algum tempo depois, sentiu que poderiam muito bem ser de alguma ajuda a quantos se vissem afligidos de modo semelhante com o turbilhão de pensamentos e sentimentos que o luto nos impinge. Esta obra foi inicialmente publicada com o pseudônimo de N. W. Clerk. Em sua severa honestidade e simplicidade sincera, o livro tem um poder raro: o poder da verdade revelada.

Para que se reconheça a profundidade de seu sentimento carregado de dor, julgo importante saber um pouco mais das circunstâncias que marcaram seu primeiro encontro e seu relacionamento posterior.

Minha mãe e meu pai (o romancista W. L. Gresham) eram ambos muito inteligentes e talentosos, o que não impediu que tivessem muitos conflitos e dificuldades no casamento. Minha mãe crescera num ambiente ateu e, mais tarde, filiou-se ao comunismo. Sua inteligência inata não lhe permitiu ser enganada muito tempo por aquela filosofia oca; assim (nessa época, casada com meu pai), viu-se à procura de algo menos pedante e mais real.

Em meio a leituras de uma ampla variedade de autores, deparou com a obra do escritor inglês C. S. Lewis; assim, tornou-se consciente de que, sob o verniz frágil e muito humano das igrejas organizadas do mundo, jaz uma verdade tão real e antiga, que, a seu lado, todas as posturas filosóficas estudadas desmoronam. Também se deu conta de que ali estava uma mente dotada de uma lucidez ímpar. A exemplo do que fazem todos os novos adeptos da fé cristã, ela tinha perguntas, por isso escreveu para Jack. Ele reparou em suas cartas de imediato, pois também davam sinais de uma

mente notável; não demorou para que começassem a se corresponder.

Em 1952, minha mãe trabalhava na obra sobre os Dez Mandamentos [*Smoke on the Mountain* (Fumaça na montanha), Westminster Press, 1953] e, enquanto convalescia de uma doença grave, viajou para a Inglaterra determinada a debater o livro com C. S. Lewis. Sua amizade e seus conselhos foram sem limite, assim como os de seu irmão, W. H. Lewis, historiador e escritor de habilidade respeitável.

Ao voltar para os Estados Unidos, minha mãe (então uma perfeita anglófila) descobriu que seu casamento com meu pai terminara e, depois do divórcio, partiu para a Inglaterra com meu irmão e comigo. Vivemos algum tempo em Londres, mas Jack não nos visitava, embora já trocassem cartas. De fato, ele raramente ia a Londres, cidade da qual não gostava. Àquela época, minha mãe e ele nutriam apenas uma amizade intelectual, embora, como muitas outras pessoas, recebêssemos um significativo apoio financeiro de seu fundo de caridade especial.

Minha mãe achou Londres um lugar deprimente para se viver e teve vontade de estar perto de seu círculo de amigos em Oxford, o qual incluía Jack, seu irmão, “Warnie”, e pessoas como Kay e Austin Farrer. Acho demasiado simples e hipotético dizer que o único motivo que a levou a se mudar fosse estar perto de Jack, mas este com certeza foi um fator muito importante.

Nossa curta estada em Headington, à saída de Oxford, parecia o começo de muitas coisas que poderiam ter sido maravilhosas. Nossa casa era visitada com frequência por bons

amigos e era o cenário de muitos debates intelectuais animados. Foi também durante essa época que o relacionamento entre Jack e mamãe começou a tomar novo rumo. Acho que Jack resistiu ao profundo apego emocional a minha mãe quando começou a tomar consciência dele, em grande parte porque esse relacionamento era algo que ele equivocadamente julgava estranho à sua natureza. A amizade platônica era-lhes conveniente e não causava a Jack nenhum enrugamento na plácida superfície de sua existência; entretanto ele foi impelido não apenas à consciência interior de seu amor por ela, como também ao reconhecimento público desse amor diante da súbita compreensão de que estava à beira de perdê-la.

Parece quase uma crueldade: a morte dela foi-se protelando até ele chegar a amá-la tão plenamente, que ela lhe preenchia o mundo como a maior dádiva que Deus lhe concedera; então ela morreu e o deixou só no vazio de sua ausência.

O que muitos de nós descobrem nesse transbordamento de angústia é que sabemos exatamente aquilo sobre o que ele está falando. As pessoas entre nós que trilham a mesma via, ou que a estão trilhando enquanto lêem este livro, descubram que não estamos, afinal de contas, tão sós quanto pensávamos.

C. S. Lewis, o homem que escreveu coisas tão claras e corretas, o pensador cuja intensidade de raciocínio e clareza de expressão nos facultaram entender tantas coisas, esse cristão vigoroso e determinado também mergulhou no turbilhão de pensamentos e sentimentos instáveis e procurou, atordado, por apoio e orientação no fundo do abismo escuro

da dor. Como eu queria que ele tivesse sido abençoado exatamente com uma obra como esta! Se não encontrarmos nenhum consolo no mundo à nossa volta, nenhum refrigério quando bradarmos a Deus, se o mundo não fizer nada mais por nós, ao menos este livro nos ajudará a enfrentar nosso luto e a “interpretá-[lo] em parte”.

Para outras leituras, recomendo *Jack: C. S. Lewis and His Times* [C. S. Lewis e sua época], de George Sayer (Harper & Row, 1988; Crossway Books), como uma das melhores biografias disponíveis; a biografia de minha mãe escrita por Lyle Dorsett, *And God Came In* [E Deus entrou] (Macmillan, 1983); e também, talvez de maneira um tanto sem modéstia, para se ter um ponto de vista de alguém próximo à vida familiar, meu próprio livro, *Lenten Lands* [Terras lúgubres] (Macmillan, 1988; HarperSanFrancisco, 1994).

DOUGLAS H. GRESHAM

Douglas Gresham (1945-) é biógrafo e produtor de cinema. Filho de Joy Gresham e enteado de C. S. Lewis, por quem foi adotado em 1956. Douglas é co-produtor na adaptação da série *As crônicas de Nárnia* para o cinema. Escreveu *Lenten Lands: My Childhood with Joy Davidman and C. S. Lewis* (1988) e *Jack's Life: The Life Story of C. S. Lewis* (2005).

A ANATOMIA DE UMA DOR

CAPÍTULO UM

Ninguém me disse que o luto se parecia tanto com o medo. Não estou com medo, mas a sensação é a mesma. A mesma agitação no estômago, a mesma inquietação, o bocejo, a boca seca.

Outras vezes é como estar ligeiramente embriagado, ou em estado de choque. Há uma espécie de véu entre o mundo e mim mesmo. Custa-me assimilar o que qualquer pessoa diz. Ou, talvez, o difícil seja querer assimilar. Tudo é tão pouco interessante, no entanto quero que os outros estejam ao meu redor. Tenho horror quando a casa está vazia. Ah, se eles conversassem uns com os outros e não comigo!

Existem momentos, de maneira mais inesperada, em que algo dentro de mim tenta assegurar-me de que realmente não me importo tanto, não tanto assim, apesar de tudo. O amor não é tudo na vida de um homem. Eu era feliz antes de conhecer H. Tenho muito do que se chama de “recursos”. As pessoas recuperam-se dessas coisas. Vamos, não posso me deixar levar dessa maneira. Temos vergonha de dar ouvidos a essa voz, mas por um instante ela parece ser boa. Então sobrevém um golpe repentino de lembranças acaloradas, e todo

esse “lugar-comum” desaparece como a formiga na boca da fofalha.

No momento seguinte, passa-se às lágrimas e à autopiedade. Lágrimas piegas. Quase prefiro os momentos de agonia. Pelo menos, eles são puros e honestos; mas o banho de autopiedade, o afundar-se nela, o prazer repugnante de entregar-se a ela — isso me enoja. E mesmo enquanto o estou fazendo, sei que isso me leva a desfigurar a imagem da própria H. Se eu der rédea solta a esse estado de espírito, em poucos minutos terei substituído a mulher real por uma simples boneca pela qual vou chorar desesperadamente. Graças a Deus minhas lembranças sobre ela são ainda fortes demais (serão sempre assim?) para que eu seja bem-sucedido fazendo isso.

H. não era assim de forma alguma. Sua mente era ágil, veloz, vigorosa como um leopardo. A paixão, a ternura e o sofrimento eram todos igualmente incapazes de desarmá-la. Ela farejava o menor resquício de lamúria ou de pieguice; depois saltava e derrubava você antes que você soubesse o que estava acontecendo. Quantas bolhas de ar minhas ela não furou! Em pouco, aprendi a não lhe dizer bobagens, a menos que o fizesse por puro prazer — e lá vem outro golpe fervente — pelo puro prazer de me expor e de rir de mim. Nunca fui menos tolo do que na condição de seu amado.

E ninguém nunca me falou sobre a preguiça do luto. Exceto em meu trabalho — em que a produção parece continuar em grande parte como de costume — abomino o menor esforço. Não só escrever, mas também ler uma carta é algo demasiado. Até mesmo fazer a barba. Ora, o que

importa se meu rosto está barbeado ou não? Dizem que um homem infeliz quer distração — algo que o faça sair de si. É como um homem morto de cansaço que deseja uma coberta extra numa noite de inverno, mas, em vez de se levantar e procurar uma, ficasse deitado lá, tremendo de frio. É fácil ver por que as pessoas sozinhas se tornam mal-arrumadas e, no final de tudo, sujas e repulsivas.

Nesse meio-tempo, onde está Deus? Esse é um dos sintomas mais inquietantes. Quando você está feliz, muito feliz, não faz nenhuma idéia de vir a necessitar dEle,¹ tão feliz, que se vê tentado a sentir suas reivindicações como uma interrupção; se se lembrar e voltar a Ele com gratidão e louvor, você será — ou assim parece — recebido de braços abertos. Mas, volte-se para Ele, quando estiver em grande necessidade, quando toda outra forma de amparo for inútil, e o que você encontrará? Uma porta fechada na sua cara, ao som do ferrolho sendo passado duas vezes do lado de dentro. Depois disso, silêncio. Bem que você poderia dar as costas e ir embora. Quanto mais espera, mais enfático o silêncio se torna. Não há luzes nas janelas. Talvez seja uma casa vazia. Será que, algum dia, chegou a ser habitada? Assim pareceu, certa vez. E essa semelhança era tão forte quanto agora. O que isso pode significar? Por que em tempos prósperos Ele mais parece um comandante e em tempos conturbados Sua ajuda é tão ausente?

¹Com o intuito de manter o estilo e a perspectiva do autor, foram preservados nesta obra os usos de letras maiúsculas e minúsculas, notadamente nas referências a Deus e a nomes comuns quando personificados ou individualizados [N. do E].

Tentei expor alguns desses pensamentos a C. nesta tarde. Ele me lembrou de que o mesmo parece ter acontecido com Cristo: “Por que me abandonaste?”.² Eu sei. Mas isso torna as coisas mais fáceis de serem entendidas?

Não que eu esteja (suponho) correndo o risco de deixar de acreditar em Deus. O perigo real é o de vir a acreditar em coisas tão horríveis sobre Ele. A conclusão a que tenho horror de chegar não é “então, apesar de tudo, não existe Deus nenhum”, mas “então, é assim que Deus é realmente. Não se iluda.”.

Nossos antepassados discutiam e diziam “Seja feita a tua vontade”.³ Quantas vezes o amargo ressentimento foi sufocado por meio do simples horror, e um ato de amor — sim, em todo sentido, um ato —, usado para ocultar a operação?

Evidentemente, é bem fácil afirmar que Deus parece ausente em nossas maiores necessidades, porque Ele *está* ausente — não-existente. No entanto por que Ele parece tão presente quando, para dizer com franqueza, não solicitamos sua presença?

Uma coisa, contudo, o casamento fez por mim. Nunca mais acreditarei que a religião se produza fora do nosso inconsciente, dos desejos famintos, nem que seja um substituto para o sexo. Naqueles poucos anos, H. e eu festejamos o amor, em cada aspecto dele — grave e alegre, romântico e realista, vez ou outra tão dramático quanto uma tempestade de tro-

²Mateus 27.46 [N. do E.].

³Mateus 6.10 [N. do E.].

vões, poucas outras vezes de modo tão confortável, cômodo e agradável quanto usar chinelos macios. Nenhuma fissura da alma nem do corpo ficou por preencher. Se Deus fosse um substituto para o amor, deveríamos ter perdido todo o interesse por Ele. Quem se importaria com substitutos quando se tem a coisa em si? Mas não é o que ocorre. Ambos sabíamos que queríamos algo além de um ao outro — um tipo de coisa bem diversa, uma espécie muito diferente de necessidade. Você pode muito bem dizer que, quando as pessoas que se amam têm uma à outra, jamais querem ler, nem se alimentar — nem respirar.

Depois da morte de um amigo, anos atrás, durante algum tempo tive a mais vívida sensação de certeza da continuidade de sua vida; até mesmo do enaltecimento de sua vida. Tenho rogado que me seja dada até mesmo uma centésima parte da mesma certeza a respeito de H. Não há resposta alguma. Só a porta fechada, a cortina de ferro, o vácuo, o nada. “Pois todo o que pede ...”⁴ — não recebe. Fui um louco em pedir. Por ora, mesmo que essa segurança sobreviesse, eu não lhe deveria dar crédito, antes deveria julgá-la uma auto-hipnose motivada por minhas próprias orações.

De qualquer modo, devo continuar ao largo dos espiritualistas. Prometi a H. que o faria. Ela conhecia alguma coisa desses círculos.

Manter promessas feitas aos mortos, ou a qualquer outra pessoa, é muito bom; mas começo a perceber que o “respeito

⁴Mateus 7.8 [N. do E.].

pela vontade do morto” é uma armadilha. Ontem, parei no exato momento em que iria fazer um comentário sobre uma bobagem qualquer: “H. não teria gostado disso”. Isso é injusto com os outros. Se continuasse assim, em pouco tempo eu usaria a expressão “o que H. gostaria” como instrumento de tirania doméstica, o que faz de suas supostas preferências um disfarce cada vez mais imperceptível para as minhas próprias preferências.

Não consigo falar sobre ela com as crianças. Quando tento fazer isso, aflora-lhes ao rosto não o pesar, nem o amor, nem o medo, tampouco a piedade, mas a pior de todas as manifestações, o embaraço. Eles me olham como se eu estivesse praticando um ato indecente. Torcem para que eu pare. Com a morte da minha mãe, sentia exatamente a mesma coisa diante da mais simples menção a seu nome por meu pai. Não posso culpá-los. Os meninos são assim.

Veza por outra acho que a vergonha, a vergonha imprevista, reprimida, tola, faz tanto para impedir as boas ações e a felicidade constante, quanto qualquer um de nossos vícios é capaz de fazer. E não só na juventude.

Ou será que os meninos estão certos? O que pensaria a própria H. destas anotações medonhas a que retorno repetidas vezes? Seriam elas mórbidas? Certa vez, li a frase “fiquei acordado toda a noite com dor de dente, pensando sobre dor de dente e sobre ficar acordado”. Isso funciona para a vida. Parte de todo tipo de privação é, por assim dizer, o seu reflexo ou sombra correspondente — o fato de que você não apenas sofre, mas tem de continuar pensando no fato de que está sofrendo. Não só vivo meu luto a cada dia interminável,

como também vivo a cada dia pensando sobre o que é viver todos os dias em luto. Será que esses apontamentos só fazem agravar esse aspecto do luto? Só confirmam o avanço monótono do redemoinho da mente em torno de um só tema? Mas o que devo fazer? Preciso de algum remédio, e ler não é um remédio forte o bastante no momento. Ao tomar nota de tudo (tudo? não: de um pensamento em uma centena), é como se tomasse uma dose do medicamento. Eis como eu haveria de defender esse ponto de vista perante H., mas aposto dez contra um que ela perceberia uma falha na minha defesa.

Não são apenas os meninos. Um estranho subproduto de minha perda é o fato de que estou consciente de causar um embaraço a quem quer que eu encontre. No trabalho, no clube, na rua, vejo pessoas que, ao se aproximarem de mim, tentam decidir se “dirão ou não algo sobre o assunto”. Detesto que o façam, e detesto que não o façam. Alguns o evitam completamente. R. evitou-me durante uma semana. Gosto mais dos rapazinhos bem educados, quase meninos, que se aproximam de mim como se eu fosse um dentista: enchem-se de rubor, recompõem-se e, então, caminham para o bar tão depressa quanto lhes permita a discrição. Talvez aqueles que se viram privados de alguém deveriam ser isolados em lugares especiais, como acontece com os leprosos.

Para alguns, sou pior do que um embaraço. Sou uma caveira. Toda vez que deparo com um casal feliz, sou capaz de notá-los pensando: “Um de nós algum dia vai ser como ele é agora”.

A princípio, sentia muito receio de ir a lugares em que H. e eu fôramos felizes — nosso *pub* favorito, nosso bosque fa-

vorito; mas resolvi fazer isso de uma vez — é como mandar um piloto voar de novo logo depois de ter sofrido um desastre. De repente, não faz diferença alguma. Não sinto a falta dela nesses lugares mais do que em qualquer outro. Essa falta definitivamente não se prende ao local. Acredito que, caso se proibisse todo sal a alguém, essa pessoa não haveria de percebê-lo mais num alimento do que em outro. De modo geral, o ato de comer seria diferente a cada dia, a cada refeição. É mais ou menos assim. O ato de viver é diferente a cada momento. A ausência dela é como o céu, estendido sobre todas as coisas.

Mas não inteiramente. Há de haver um lugar em que eu perceba sua ausência de modo preciso, um lugar que não posso evitar. Refiro-me a meu próprio corpo. Ele tinha uma importância distintiva enquanto era o corpo da pessoa que H. amava. Agora é como uma casa vazia; mas eu não me deixo enganar a mim mesmo. Esse corpo haveria de tornar-se importante para mim de novo, e bem rapidamente, se eu pensasse que havia algo errado com ele.

Câncer, câncer e mais câncer. Minha mãe, meu pai, minha mulher. Pergunto-me quem será o próximo na fila.

A própria H., contudo, ao morrer de câncer, estando bem consciente do fato, disse que perdera muito de seu antigo horror por essa doença. Quando a realidade chegou, o nome e a idéia já tinham perdido um pouco a cor. E até certo ponto eu quase entendia. Isso é importante. A pessoa nunca depara com o Câncer, nem com a Guerra, tampouco com a Infelicidade (ou Felicidade). Na verdade, depara apenas com a hora e o momento em que chegam. Com toda sorte de

imprevistos. Com muitos aspectos ruins em nossos melhores momentos e com muitos aspectos bons nos piores. Nunca se tem o impacto total, “a coisa em si”; o nome que lhe damos, porém, é impróprio. A coisa em si são apenas todos esses imprevistos: o restante não passa de um nome ou de uma idéia.

É inacreditável quanta felicidade, até mesmo quanto divertimento, não raro vivenciávamos juntos depois que toda a esperança se foi. Que conversa longa, tranqüila, construtiva, tivemos juntos naquela última noite!

E, no entanto, não estávamos inteiramente juntos. Há um limite para o ser “uma só carne”.⁵ Não podemos, de fato, partilhar a fraqueza de alguém, nem o medo, tampouco o sofrimento. O que você sente pode ser ruim. Hipoteticamente, poderia ser tão ruim quanto o que o outro sente, mas eu não confiaria muito em alguém que alegasse a total semelhança; pois ainda seria muito diferente. Quando falo do medo, quero referir-me ao medo puramente animal, ao recuo do organismo diante da possível destruição ao sentimento asfixiante, à sensação de ser um rato numa ratoeira. Esse sentimento é intransferível. A mente pode até compreender; já o corpo, menos. De certa forma, o corpo das pessoas que amam tem menos chance ainda. Todos os momentos de amor pelos quais passaram juntos foram preparatórios para que tivessem sentimentos não idênticos, mas complementares, correlatos, até mesmo opostos, um em relação ao outro.

⁵Gênesis 2.24 [N. do E.].

Ambos sabíamos disso. Eu tinha minhas infelicidades, não as dela, que por sua vez possuía as suas, não as minhas. O fim de suas infelicidades equivaleria ao amadurecimento das minhas. Estávamos seguindo por estradas distintas. Essa verdade fria, essas regras de trânsito (“A senhora, dirija-se à direita; o senhor, à esquerda, por favor.”) são apenas o começo da separação que é a morte.

E essa separação, suponho, está à espera de todos. Tenho pensado em H. e em mim mesmo e em como fomos injustamente separados um do outro. Presumo que todos os apaixonados o são. Um dia, ela me disse: “Mesmo que morramos exatamente no mesmo instante, enquanto estamos aqui deitados um ao lado do outro, seria uma separação igual à de que você tem tanto medo”. É claro que ela não *sabia*, não mais do que eu; no entanto, ela estava perto o bastante da morte para dar um tiro certo. Costumava dizer “Sozinha rumo à solidão”. Dizia ter a impressão disso. E é imensamente improvável que fosse de outra forma! O tempo, o espaço e o corpo eram o que nos uniam; os cabos telefônicos pelos quais nos comunicávamos. Corte um ou ambos ao mesmo tempo, e a conversa não será interrompida de todo jeito?

A não ser que você admita que alguns outros meios de comunicação — inteiramente diferentes, porém com a mesma função — devessem ser substituídos de imediato; mas, então, que fim concebível poderia haver em separar os antigos? Será que Deus é um palhaço, que de súbito lhe retira a tigela de sopa a fim de, no momento seguinte, substituí-la por outra com a mesma sopa? Nem a natureza parece seme-

lhante palhaço. Ela jamais toca duas vezes a mesma música exatamente igual.

É difícil ter paciência com pessoas que dizem: “A morte não existe”, ou “A morte não importa”. A morte existe e, seja lá o que for, ela importa. Tudo o que acontece traz consequências, e tanto a morte quanto as consequências são irrevogáveis e irreversíveis. Você pode, do mesmo modo, dizer que o nascimento não importa. Ao olhar para o céu noturno, pergunto-me se há algo mais certo do que isto. Em todos os tempos e espaços, se me fosse dado sondá-los, não encontraria em lugar algum o rosto dela, sua voz, seu toque. Ela morreu. Está morta. Será que a palavra é tão difícil de se aprender?

Não tenho nenhuma boa fotografia dela. Não posso sequer lhe ver o rosto claramente em minha imaginação; no entanto o rosto comum de um estranho em meio a uma multidão de pessoas nesta manhã pode aparecer para mim numa perfeição vívida no momento em que fecho os olhos à noite. Não resta dúvida: a explicação é por demais simples. Vimos o rosto dos que mais conhecemos de modo tão variado, de tantos ângulos, sob tantas luzes, com expressões tão diversas — acordando, dormindo, rindo, chorando, comendo, conversando, pensando —, que todas as impressões preenchem nossa memória ao mesmo tempo e se anulam num simples borrão; mas sua voz ainda é vívida. A voz lembrada — que é capaz de transformar-me a qualquer momento num menino chorão.

CAPÍTULO DOIS

Pela primeira vez, voltei os olhos para o que tinha escrito. Meus apontamentos me apavoram. A julgar pelo modo como escrevi, qualquer um pensaria que a morte de H. teve importância, acima de tudo, pelo efeito que causou em mim. As opiniões dela parecem ter-se perdido de vista. Será que esqueci o momento de amargura em que ela gritou: “E há muito por que se deva viver?”. A felicidade não lhe aconteceu cedo na vida. Mil anos felizes não teriam feito dela uma mulher *blasée*.¹ Seu gosto por todas as alegrias dos sentidos, da mente e do espírito achava-se vivo e incólume. Nada teria sido desperdiçado nela. Ela gostava de muitas coisas e gostava mais do que qualquer um que eu tenha conhecido. Uma fome nobre, havia muito não satisfeita, encontrara por fim seu alimento adequado, que quase instantaneamente lhe foi arrancado. O destino (ou seja lá o que for) agrada-se em gerar uma grande capacidade e, então, frustrá-la. Beethoven ficou surdo. Para nossos padrões, uma piada de mau gosto; a travessura de um idiota mal-intencionado.

¹Do francês, “entediada”, “indiferente a novidades” [N. do E.].

Devo pensar mais em H. e menos em mim mesmo.

Isso parece bem adequado. Só que há um empecilho. Penso nela quase o tempo todo. Penso em coisas relacionadas a H. — palavras ditas, olhares, risos e atos. No entanto, é minha própria mente que os seleciona e agrupa. Neste exato momento, menos de um mês depois de sua morte, sou capaz de sentir o começo lento e insidioso de um processo que fará dela, penso, uma mulher cada vez mais imaginária. Fundada em fatos, sem dúvida. Não acrescentarei nada de fictício (pelo menos, é o que espero). Mas será que a arte final não se tornará inevitavelmente cada vez mais uma exclusividade minha? A realidade não está mais lá para controlar-me, para fazer-me parar, como a verdadeira H. tantas vezes o fez, de modo tão inesperado, ao ser tão inteiramente ela mesma e não eu.

O presente mais precioso que o casamento me trouxe foi esse impacto constante de algo muito próximo e íntimo, ao mesmo tempo incomparavelmente alheio, resistente — numa só palavra, real. Tudo isso está para ser desfeito? O que ainda chamo de H. deverá acabar submerso em nada mais do que minhas ilusões de solteirão? Ó, minha querida, volte; volte por um momento e afaste esse fantasma miserável. Ó, Deus, Deus, por que tiveste tanto trabalho de obrigar esta criatura a sair de sua concha se ela agora está condenada a se arrastar de volta — a ser novamente levada para lá?

Hoje, tive de encontrar um homem que não via por dez anos. E todo esse tempo eu pensava que me lembrava bem dele — de sua aparência, de como falava e do tipo de coisas que dizia. Os primeiros cinco minutos diante do homem real

despedaçaram completamente a imagem. Não que ele houvesse mudado. Pelo contrário. Continuei pensando: “Sim, é claro, é claro. Havia esquecido que ele pensava assim — ou não gostava daquilo, ou sabia isso e mais isso, ou voltava a cabeça para trás daquela forma”. No passado, eu conhecera todas essas coisas, e reconheci-as no momento em que novamente deparei com ele; contudo elas se haviam apagado da imagem mental que eu fizera dele e, quando foram todas substituídas por sua presença concreta, o efeito total foi surpreendentemente diferente da imagem que eu guardara naqueles dez anos. Como posso esperar que tal não aconteça com minhas lembranças de H.?, que não esteja acontecendo agora mesmo?, lenta, serenamente, como flocos de neve — como os pequenos flocos que caem quando vai nevar a noite toda — pequenos flocos de mim mesmo, minhas impressões, minhas escolhas começam a encobrir a imagem dela. A forma real estará totalmente oculta no fim. Dez minutos — dez segundos — da H. real haveriam de corrigir tudo isso; contudo, mesmo que me fosse dado esse breve período de tempo, um segundo depois os pequenos flocos começariam a cair de novo. O gosto amargo, forte e purificador de sua alteridade foi embora.

Que hipocrisia lamentável dizer: “Ela viverá para sempre na minha memória!”. *Viverá?* Isso é exatamente o que ela não fará. Você pode muito bem pensar, a exemplo dos antigos egípcios, que é possível conservar os mortos embalsamando-os. Será que nada nos vai convencer de que eles se foram? O que resta? Um cadáver, uma lembrança e (para alguns) um fantasma. Não passam de zombarias ou horrores. Mais

três formas para a palavra *morto*. Quem eu amei foi H. Como se eu quisesse apaixonar-me pela memória que tenho dela, uma imagem que pertence a minha própria mente! Seria um tipo de incesto.

Lembro-me de que fiquei um tanto horrorizado certa manhã de verão há muito tempo quando um trabalhador corpulento e jovial, carregando uma enxada e um regador, entrou no cemitério da igreja e, enquanto puxava o portão atrás de si, gritou sobre o ombro para dois amigos: “Vejo vocês depois, estou indo visitar mamãe!”. Ele queria dizer que estava indo capinar, regar e arrumar de modo geral o túmulo dela. Fiquei horrorizado porque esse modo de sentir, toda essa história de cemitério, era e é simplesmente odiosa, até mesmo inconcebível, para mim; porém, à luz de meus pensamentos recentes, começo a indagar-me se, no caso de ser possível a alguém estar no ramo de atividades daquele homem (e a mim não é possível), não há muito a se dizer sobre ele. Mamãe foi reduzida a um canteiro de 1 m x 2 m. Esse era o símbolo que ele criara para ela, seu vínculo com ela. Cuidar daquilo era o mesmo que visitá-la. Em certo sentido, será que isso não será melhor do que preservar e acalentar uma imagem daquela pessoa em nossa própria memória? O túmulo e a imagem são, de igual maneira, elos com o irrecuperável e símbolos do inatingível. Mas a imagem tem a desvantagem adicional de que fará o que você deseja. Sorrirá ou fechará a cara, será terna, alegre, irreverente ou inclinada à discussão conforme o seu estado de espírito exigir. Trata-se de uma marionete cujas cordas você manipula. Não agora, é claro. A realidade está ainda por demais “recente”; lembran-

ças genuínas e completamente involuntárias ainda podem, graças a Deus, precipitar-se e arrancar-me as cordas da mão. Mas a obediência fatal da imagem, a dependência insípida que tem de mim é obrigada a aumentar. O canteiro, por sua vez, constitui um fragmento da realidade, obstinado, resistente, por vezes intratável, assim como mamãe indubitavelmente o era. Como H. era.

Ou como H. é. Será que eu poderia dizer com franqueza que acredito que ela hoje seja alguma coisa? A maioria das pessoas que encontro, digamos, no trabalho, decerto pensaria que ela não é. Embora, naturalmente, elas não procurassem me convencer disso. Não numa hora destas. O que penso, na verdade? Sempre fui capaz de orar pelos mortos,² e ainda o faço, com certa confiança; mas, quando tento orar por H., paraliso. A perplexidade e o pasmo sobrevêm. Tenho uma sensação horripilante de irrealidade, de falar no vazio acerca de uma não-entidade.

A razão para a diferença é simples demais. Você nunca tem consciência do quanto de fato acredita em alguma coisa enquanto a verdade ou a falsidade dessa coisa não se torna uma questão de vida ou morte para você. É fácil dizer que você acredita que uma corda seja forte e segura, enquanto a está usando apenas para amarrar uma caixa; mas imagine que deva dependurar-se nessa corda sobre um precipício. Será que não iria primeiro descobrir o quanto na verdade confia nela? O mesmo se dá com as pessoas. Por anos eu teria

²Ver nota na p. 13 [N. do E.].

dito que tinha total confiança em B. R. Então veio o dia em que tive de chegar à conclusão sobre se iria ou não confiar-lhe um segredo realmente importante. Isso lançou uma nova luz sobre o que eu chamava de minha “confiança” nele. Descobri que não havia coisa semelhante. Apenas um perigo verdadeiro põe à prova a realidade de uma crença. Aparentemente, a fé — julgava-a fé — que me possibilita orar pelos outros mortos só me pareceu forte porque nunca me preocupei de fato, não desesperadamente, sobre se eles existiam ou não; no entanto pensei que me houvesse preocupado.

Mas há outras dificuldades. “Onde ela está, agora?” Ou seja, *em que lugar* ela está *neste momento*? Se H., porém, não for um corpo — e o corpo que amei com certeza não é mais H. — ela não se acha em parte alguma. E o “neste momento” é uma data ou um ponto em nossa sucessão temporal. É como se ela partisse numa viagem sem mim e eu dissesse, olhando o meu relógio: “Será que ela está em Euston agora?”; contudo, a menos que ela esteja seguindo a sessenta segundos por minuto ao longo dessa mesma linha do tempo que nós, os vivos, devemos percorrer em viagem, o que significa *agora*? Se os mortos não estão no tempo, ou não no tipo de tempo que nos é peculiar, haverá alguma distinção clara entre *era*, *e é*, e *será* quando falamos deles?

Pessoas gentis disseram-me: “Ela está com Deus”. Em certo sentido, isso está certíssimo. Ela é, como Deus, incompreensível e inimaginável.

Acho, porém, que essa questão, por mais importante que seja em si mesma, apesar de tudo, não é tão relevante quanto o luto. Imagine que a vida terrena que ela e eu partilhamos

por alguns poucos anos sejam apenas, na verdade, a base ou o prelúdio para duas coisas inimagináveis, supercósmicas, eternas, ou mesmo a aparência terrena delas. Essas coisas poderiam ser retratadas como esferas ou globos. O lugar em que o plano da Natureza os atravessa — ou seja, na vida terrena — elas se parecem com dois círculos (círculos são subdivisões de esferas). Dois círculos que se tocaram; mas estes, sobretudo no ponto em que se tocaram, são a própria coisa pela qual lamento, de que sou saudosos, de que sinto fome. Você me diz: “Ela continua.”; mas minha alma e meu corpo gritam: “Volte! Volte! Volte a ser um círculo, tocando o meu círculo no plano da Natureza!”. Eu, no entanto, sei que isso é impossível. Sei que o que eu desejo é precisamente o que jamais poderei obter. A antiga vida, as piadas, os drinques, as discussões, fazer amor, os pequenos lugares-comuns, de partir o coração. De qualquer ponto de vista, dizer “H. está morta” equivale a dizer “Tudo aquilo acabou”. Faz parte do passado. E o passado é o passado; isso é o que significa o tempo; ele em si é mais um nome para a morte, e o próprio Céu é um estado em que “as primeiras coisas [já] passaram”.³

Fale-me acerca da verdade da religião e ouvirei de bom grado. Fale-me acerca do dever da religião e ouvirei resignadamente; mas não me venha falar sobre as formas de consolo que a religião dá, caso contrário desconfiarei que você não sabe do que está falando.

³Apocalipse 21.4 (Almeida Revista e Atualizada, Sociedade Bíblica do Brasil, 1993) [N. do E.].

A não ser, claro, que você seja daqueles que acreditam literalmente em tudo que se diz nas típicas reuniões de família a respeito “do outro lado do rio”, retratado de uma perspectiva completamente irreal e terrena; mas nada disso é bíblico e não passa de hinos e litografias ruins. Não há uma palavra sequer sobre o mundo vindouro na Bíblia. Além disso, soa falso. *Sabemos* que não poderia ser assim. A realidade nunca se repete. Alguma coisa nunca é tirada de nós e, depois, é-nos devolvida do mesmo modo em que se apresentava. Como os espiritualistas sabem jogar a isca! “As coisas deste lado não são tão diferentes, afinal de contas.”. Há charutos no Céu.⁴ Pois é isso que todos nós apreciaremos. Um passado feliz reconquistado.

E é por isso, só por isso, que grito, enlouquecido, no meio da madrugada, lançando súplicas vazias ao ar.

E o pobre C. faz-me a seguinte citação: “(...) não se entristeçam como os outros que não têm esperança”.⁵ Espanta-me o modo pelo qual somos convidados a pôr em prática palavras endereçadas de maneira tão óbvia aos que são superiores a nós. O que o apóstolo Paulo diz só pode consolar os que amam a Deus mais do que aos mortos, e aos mortos mais do que a si mesmos. Se uma mãe se lamenta não por aquilo que ela perdeu, mas por aquilo que seu filho morto perdeu, é um consolo acreditar que o filho não perdeu o objetivo para o qual foi criado. E é um consolo acreditar que ela mesma, ao

⁴Ver nota na p. 54 [N. do E.].

⁵1^o Tessalonicenses 4.13 [N. do E.].

perder sua principal, ou única felicidade natural, não perdeu algo maior — que ela ainda pode esperar “glorificar a Deus e usufruí-lo para sempre”. Um consolo para o espírito voltado para Deus, espírito eterno que há dentro dela. Mas não para sua condição de mãe. A felicidade propriamente materna deve ser anulada. Nunca, em nenhum lugar, em tempo algum, ela terá o filho em seu colo, nem lhe dará um banho, nem lhe contará uma história, nem fará planos para o seu futuro, tampouco verá o filho de seu filho.

Dizem-me que H. agora é feliz, que está em paz. O que faz essas pessoas terem tanta certeza disso? Não quero dizer que temo o pior. As últimas palavras de H. foram: “Estou em paz com Deus”. Ela nem sempre estivera. E nunca mentiu. E não era o tipo de pessoa que se enganasse facilmente, por menos que fosse, em favor de si mesma. Não é isso o que eu quero dizer. Como essas pessoas têm tanta certeza de que toda a angústia termina com a morte? Mais da metade do mundo cristão e milhões no Oriente têm uma crença diversa. Como podem saber que ela entrou para o “descanso”? Por que deveria a separação (se nada mais o puder), que tanto angustia a pessoa que ama e ficou para trás, ser indolor para a pessoa a quem amou e agora parte?

“Porque ela está nas mãos de Deus.”; mas, se assim for, ela estava nas mãos de Deus durante todo o tempo, e vi o que lhe fizeram aqui. Será que de repente as pessoas se tornam mais gentis conosco no momento em que deixamos o corpo? E, se for dessa maneira, por quê? Se a bondade de Deus não é coerente com o ato de nos ferir, então, ou Deus não é bom, ou não há Deus algum: pois na única vida que conhecemos

Ele nos fere de um modo tal, além de nossos piores pavores, acima de tudo o que podemos imaginar. Se essa bondade for condizente com o ato de nos ferir, então Ele pode muito bem fazer isso depois da morte de maneira tão intolerável quanto antes dela.

Às vezes, é difícil não dizer: “Deus, perdoe a Deus”. Às vezes, é difícil dizer tanto; mas, se nossa fé for verdadeira, ele não fez isso. Ele crucificou-se.

Ora, o que ganhamos com evasivas? Estamos sob tormentos e não há escapatória. A realidade, encarada detidamente, é intolerável. E como, ou por quê, uma realidade assim floresceria (ou morreria) aqui e acolá no terrível fenômeno chamado consciência? Por que ela produziu coisas como nós, que a podemos ver e, vendo-a, retrocedemos com aversão? Quem (ainda que estranho) quer vê-la e dar-se ao trabalho de decifrá-la, mesmo quando nenhuma necessidade o impele e mesmo que o menor vislumbre dela lhe abra uma chaga incurável no coração? Pessoas como a própria H., que obteriam a verdade a qualquer preço.

Se H. “não está”, então ela nunca esteve. Tomei erroneamente uma nuvem de átomos por uma pessoa. Não há, e nunca houve, outras pessoas. A morte só faz revelar a vacuidade que sempre esteve lá. Aqueles a quem chamamos vivos são apenas os que ainda não foram desmascarados. Todos igualmente falidos, mas alguns ainda não declarados.

Só que isso não deve fazer sentido. Vacuidade revelada a quem? Falência declarada a quem? A outras caixas de fogos de artifício ou nuvens de átomos. Jamais acreditarei — para ser mais exato, não consigo acreditar — em que uma série de

fenômenos físicos pudesse ser, ou cometer, um erro contra outras séries.

Não, meu verdadeiro medo não é o do materialismo. Se ele fosse legítimo, nós — ou o que designamos equivocadamente “nós” — poderíamos livrar-nos de uma situação angustiante. Uma *overdose* de soníferos bastaria para tanto. Tenho mais medo de que sejamos, na verdade, ratos numa ratoeira. Ou, pior ainda, ratos num laboratório. Alguém disse, suponho: “Deus sempre aplica princípios geométricos.”. Imagine se a verdade fosse: “Deus sempre pratica a vivissecção.”.

Mais cedo ou mais tarde, devo encarar a questão de frente. Que razão temos nós, com exceção de nossos próprios desejos desesperados, de acreditar que Deus seja “bom” (de qualquer ângulo por nós estabelecido)? Todas as evidências *prima facie*⁶ não sugeririam exatamente o contrário? O que temos para contrapor a elas?

Contrapomos Cristo a elas; mas como, se ele foi mal compreendido? Suas últimas palavras podem ter um sentido perfeitamente claro. Ele descobriu que o Ser que ele chamava Pai era horrivelmente, infinitamente distinto do que Ele havia suposto. A armadilha, por tanto tempo preparada, de maneira tão meticulosa e com iscas tão sutis, fora por fim armada sobre a cruz. A artimanha desprezível triunfara.

O que abala toda oração e toda esperança é a lembrança de todas as orações que H. e eu oferecíamos, e todas as falsas

⁶Do latim, “à primeira vista” [N. do E.].

esperanças que alimentávamos. Não eram esperanças nutridas apenas por um pensamento desejoso de coisas boas, por esperanças estimuladas, até mesmo impingidas a nós, por falsos diagnósticos, por exames de raios X, por fases estranhas de alívio, por uma recuperação temporária que poderia muito bem ser classificada como milagre. Passo a passo “fomos conduzidos pela senda do jardim”. Com o passar do tempo, quando Ele parecia muito misericordioso, estava na verdade preparando a tortura seguinte.

Escrevi isso na noite passada. Foi um grito, e não um pensamento. Permita-me tentar novamente. É racional acreditar num Deus ruim? Ao menos, num Deus tão mau quanto tudo aquilo? O Sádico Cósmico, o idiota mal-intencionado?

Se não for outra coisa, acho que é antropomórfico demais. Quando se chega a pensar nisso, é muito mais antropomórfico do que representá-LO como um velho rei circunspecto, de barbas longas. Essa imagem é um arquétipo junguiano. Relaciona Deus a todos os reis sábios e velhos dos contos de fada, a profetas, sábios, mágicos. Embora se trate (formalmente) da figura de um homem, essa imagem sugere algo mais do que a idéia de humanidade. Pelo menos, apresenta a idéia de algo que nos antecede, algo que tem mais conhecimento, algo que não se pode sondar. Ela preserva o mistério. Portanto, espaço para a esperança, espaço para uma forma de horror ou assombro que não precisa ser necessariamente simples medo da maldade de um potentado de intenções malignas. Mas a imagem que eu tinha na noite passada é simplesmente a de um homem como S. C. — que costumava sentar-se a meu lado durante o jantar e me dizer o que

estivera fazendo com os gatos naquela tarde. Ora, um ser como S. C., por mais poderoso que pareça, não poderia inventar, nem criar, nem reger coisa alguma. Haveria de montar armadilhas e de nelas tentar pôr a isca; mas ele nunca teria pensado em iscas como o amor, ou o riso, ou os narcisos, ou um crepúsculo acompanhado de geada. *Ele?* Fazer um Universo? Não seria capaz de fazer uma piada, nem de dar um cumprimento, nem de fazer uma defesa, nem mesmo ter um amigo.

Ou se poderia apresentar com seriedade a idéia de um Deus ruim, por assim dizer, que entrasse pela porta dos fundos, por um tipo de calvinismo extremo? Poderíamos dizer que somos decaídos e depravados. Somos tão depravados, que nossas idéias de bondade nada valem; ou valem menos do que nada — o próprio fato de que achamos algo bom é a evidência provável de que esse algo é, na verdade, ruim. Ora, Deus tem, realmente — nossos piores temores são um fato —, todas as características que consideramos ruins: caráter irracional, vaidade, índole vingativa, injustiça, crueldade. Mas todos esses aspectos perversos (do modo como se afiguram a nós) são, na verdade, puros. É apenas nossa corrupção que os faz parecer cruéis para nós.

E daí? Isso, para todos os propósitos práticos (e especulativos), apaga Deus da lousa. A palavra *bom*, aplicada a ele, torna-se sem sentido: como *abracadabra*. Não temos nenhum motivo para obedecer a ele. Nem mesmo temor. É verdade que temos suas ameaças e promessas. Mas, por que deveríamos acreditar nelas? Se a crueldade, do ponto de vista dEle, é “boa”, contar mentiras pode ser “bom” também. Mesmo

que sejam verdadeiras, que importa? Se as idéias d'Ele acerca do bem são tão diversas das nossas, aquilo a que Ele chama "Céu" pode muito bem ser o que chamaríamos "Inferno", e vice-versa. Por fim, se a realidade em sua própria origem for tão sem sentido para nós — ou exprimindo-o de maneira contrária, se formos esses rematados imbecis — qual é o valor de tentarmos pensar sobre Deus ou sobre alguma coisa mais? Esse nó desata-se quando tentamos apertá-lo.

Por que ocupo minha mente com tamanhas imundícies e disparates? Será que tenho esperanças de que, se o sentimento se disfarçar de pensamento, sentirei menos? Não seriam todos estes apontamentos agonias mentais insensatas de um homem que não aceita o fato de não haver nada que possamos fazer com o sofrimento, exceto padecê-lo? Quem ainda crê que haja algum expediente (ah, se esse homem pudesse encontrá-lo...) capaz de fazer a dor não ser dor? De fato, não importa se você agarra os braços da cadeira do dentista nem se suas mãos repousam no colo. A broca continua perfurando.

E o luto ainda se parece com o medo. Talvez, de modo mais estrito, com o suspense. Ou mesmo com esperar; fazer hora à espera de que algo aconteça. Ele confere à vida um caráter permanentemente provisório. Parece que não vale a pena começar algo. Não consigo sossegar. Bocejo, tenho gestos de impaciência, fumo em demasia.⁷ Até então, sempre

⁷Por razões culturais, a tradição anglicana não vê o tabagismo na categoria de "pecado", como faz a maior parte da população evangélica brasileira [N. do R].

tivera muito pouco tempo. Agora não há nada, senão o tempo. Quase o tempo puro, a sucessão vazia.

Uma só carne, ou, se preferir, um só barco. O motor a estibordo foi embora. Eu, o motor a bombordo, de alguma forma devo seguir roncando até ancorarmos. Ou, de preferência, até o fim da viagem. Como devo entender um ancoradouro? Uma costa de sotavento, mais provavelmente, uma noite escura, um vendaval ensurdecedor, ondas de rebentação à frente — e quaisquer acenos vindos da terra provavelmente feitos por salteadores de naufrágio. Tal foi o ancoradouro de H. Bem como o de minha mãe. Digo o porto delas; não sua chegada.

CAPÍTULO TRÊS

Não é verdade que eu esteja sempre pensando em H. O trabalho e as conversas tornam isso impossível; mas quando não estou pensando nela talvez sejam estes os meus piores momentos. Nesses momentos, embora eu tenha esquecido o motivo, sobre todas as coisas estende-se uma vaga sensação de erro, de alguma coisa imperfeita. Como naqueles sonhos em que nada de horrível acontece — nada que haveria de parecer sequer notável se você o contasse no café da manhã — mas nos quais a atmosfera, o gosto da coisa em sua totalidade é mortal. Assim se dá com isso. Vejo as bagas da sorveira-brava ficando vermelhas e por alguns momentos ignoro por que elas, entre todas as coisas, devessem ser deprimentes. Ouço o bater do relógio, e percebo que algo no som que ele sempre teve se foi. O que está errado com o mundo para que pareça tão plano, pobre, velho? Então me lembro.

Essa é uma das coisas de que tenho medo. As agonias, os momentos enlouquecedores à meia-noite devem, no decurso da natureza, dissipar-se aos poucos; mas o que se seguirá? Só essa apatia, essa insipidez mortal? Será que há de vir um tempo em que eu não pergunte mais por que o mundo é

como uma rua sórdida, porque tomarei a sordidez como normal? O luto, no final das contas, capitula ao tédio com tintas de ligeira náusea?

Sentimentos, e sentimentos e sentimentos. Em vez disso, vamos tentar pensar. Do ponto de vista racional, que novo fato a morte de H. trouxe ao problema do universo? Que bases me concedeu para duvidar de tudo aquilo em que acredito? Eu já sabia que essas coisas, e coisas piores, aconteciam diariamente. Eu teria dito que as havia levado em consideração. Eu fora alertado — eu alertara a mim mesmo — quanto a não contar com a felicidade terrena. Tínhamos, até mesmo, a promessa de sofrimentos. Eles faziam parte do programa. Até mesmo nos disseram: “‘Bem-aventurados os que choram...’”,¹ e eu aceitava isso. Não há nada que eu não tivesse considerado. É claro que é diferente quando as coisas acontecem conosco, não com os outros, e na realidade, não na imaginação. Sim, mas deveria, para um homem são, fazer tanta diferença assim? Não, e não faria para um homem cuja fé houvesse sido a fé verdadeira, e cuja preocupação com as tristezas dos outros fosse preocupação real. O caso é muito comum. Se meu castelo ruiu com uma tacada, é porque era um castelo de cartas. A fé que “levou essas coisas em consideração” não era fé, mas imaginação. Levá-las em conta não era compaixão verdadeira. Se houvesse realmente me preocupado, como achei que havia, com as tristezas do mundo, não deveria estar tão assoberbado quando minha própria tristeza

¹Mateus 5.4 [N. do E.].

chegou. Foi uma fé imaginária, que jogava com fichas inofensivas, rotuladas de “Doença”, “Dor”, “Morte” e “Solidão”. Achei que havia confiado na corda até que se tornou importante saber se ela suportaria o meu peso. Agora que isso importa percebo que não confiava nela.

Jogadores de *bridge* dizem-me que deve haver um pouco de dinheiro no jogo “ou, então, as pessoas não vão levá-lo a sério”. Aparentemente é assim. Sua aposta no jogo — Deus ou nenhum Deus, um bom Deus ou o Sádico Cósmico, a vida eterna ou a não-entidade — não será séria se nela nada de valor estiver em risco. E você nunca perceberá como ela era séria, enquanto as apostas não estiverem muitíssimo altas, enquanto você não descobrir que está jogando não pelas fichas, nem pelos seis centavos, mas por todo centavo que tem no mundo. Nada menos que isso abalará um homem — ou, pelo menos, um homem como eu — quanto ao seu pensamento puramente verbal e suas crenças meramente nocionais. Ele deve ficar fora do ar antes que recobre os sentidos. Só a tortura trará à luz a verdade. Só sob tortura é que ele mesmo a descobrirá.

E com certeza devo admitir — H. ter-me-ia obrigado a admitir, em poucos passes — que, se meu castelo era de cartas, quanto mais cedo ele desabasse, melhor. E só o sofrimento poderia fazer isso; mas então o Sádico Cósmico e o Viviseccionista Eterno tornam-se uma hipótese desnecessária.

Seria este último apontamento um sinal de que sou incorrigível, de que, quando a realidade desfaz meu sonho em pedaços, lamento e rosno enquanto dura o primeiro choque, e depois, paciente, de maneira idiota, ponho-me de novo

a juntar os pedaços? É sempre assim? Por mais que o castelo de cartas desmorone, devo começar a reconstruí-lo? Será que é isso o que estou fazendo agora?

Na verdade, é bem provável que o que eu haverei de chamar, se isso acontecer, de uma “restauração da fé” se torne apenas mais um castelo de cartas. E não saberei se é ou não, enquanto não sobrevier o golpe seguinte — quando, digamos, uma doença mortal for diagnosticada em meu corpo também, ou quando se deflagrar a guerra, ou eu estiver arruinado em meu trabalho por causa de algum erro desastroso. Mas há duas questões aqui. Em que sentido pode tratar-se de um castelo de cartas? Por que as coisas em que acredito são apenas um sonho, ou porque sonho apenas que acredito nelas?

Quanto às coisas em si mesmas, por que é que os pensamentos que tive uma semana atrás deveriam ser mais confiáveis do que os melhores pensamentos que tenho agora? Com certeza, de modo geral, sou um homem mais sã do que era na época. Por que as fantasias desesperadas de um homem atordoado — eu disse que era como achar-se em estado de choque — seriam particularmente confiáveis?

Por não haver nenhum pensamento cheio de esperança nelas? Porque, por serem tão terríveis, eram por isso mesmo tanto mais prováveis de ser verdadeiras? Mas há sonhos que satisfazem o medo bem como sonhos que satisfazem a vontade. E eles eram inteiramente repugnantes? Não. De certa forma, gostava deles. Estou até mesmo consciente de uma ligeira relutância em aceitar os pensamentos contrários. Toda aquela história acerca do Sádico Cósmico era menos a expressão do pensamento que do ódio. Estava tirando dela o

único prazer que um homem em agonia pode obter: o prazer de revidar. De fato, era simplesmente Billingsgate² — pura ofensa; “dizer a Deus o que eu pensava dele”. E, é claro, como em toda linguagem ofensiva, “o que eu pensava” não significava o que eu julgava ser verdade. Só o que eu pensasse de fato haveria de ofendê-lo (e a seus adoradores) mais. Nunca se diz esse tipo de coisa sem algum tipo de prazer. “Lava a alma”. Você se sente melhor por um momento.

O estado de espírito, porém, não é evidência alguma. É claro que a gata rosnaria para o cirurgião e cuspiria nele, além de mordê-lo, se pudesse; mas a questão real é sobre o fato de ser ele um veterinário ou um dissecador de seres vivos. O mal comportamento dela não lança luz alguma sobre a questão.

E eu posso crer que Ele seja um veterinário quando penso em meu próprio sofrimento. É mais difícil quando penso no dela. O que é o luto, se comparado à dor física? Independentemente do que os tolos digam, o corpo é capaz de padecer vinte vezes mais do que a mente. Esta possui sempre algum poder de evasão. No pior dos casos, só o que o pensamento insuportável faz é ficar voltando, mas a dor física pode ser absolutamente contínua. O luto é como um bombardeiro dando voltas e lançando suas bombas para atingir um raio de ação; o sofrimento físico é como a barragem fixa numa trincheira na Primeira Guerra Mundial, horas nela, sem uma

²Grande mercado de peixe em Londres. Provável referência ao ambiente tumultuado e barulhento de comércio de peixe, onde se barganha até chegar ao melhor negócio [N. do T.].

pausa em momento algum. O pensamento nunca é estático; a dor muitas vezes é.

Que tipo de apaixonado sou para pensar tanto nas minhas aflições e tão pouco nas dela? Até mesmo o grito desesperado “Volte!” é por minha causa. Nunca questioneei se sua volta, quer fosse possível, seria boa para ela. Quero-a de volta como um elemento imprescindível na restauração do *meu* passado. Será que eu poderia ter-lhe desejado algo pior? Passar pela morte, voltar e, depois, em um momento posterior, passar por toda a agonia novamente? Chamam a Estêvão o primeiro mártir. Teria Lázaro recebido um tratamento injusto?

Agora começo a entender. Meu amor por H. tinha em grande parte a mesma natureza de minha fé em Deus. Não vou exagerar, no entanto. Se houve algo além da imaginação na fé, ou algo exceto o egoísmo no amor, Deus sabe. Eu não. Poderia ter havido um pouco mais; principalmente em meu amor por H. Nenhuma das duas coisas, porém, era a que eu acreditava que fosse. Uma rodada perfeita de castelos de carta em ambos os casos.

O que importa de que modo este meu luto se desenvolve, ou o que faço com ele? O que importa o modo pelo qual me lembro dela, ou se chego a me lembrar dela? Nenhuma das alternativas lhe irá aplacar ou agravar a angústia passada.

A angústia passada. Como sei que toda a sua angústia já passou? Jamais acreditei — julgava-o imensamente improvável — que a alma mais fiel pudesse dar um salto direto à perfeição e à paz no momento em que a morte agonizasse na

garganta. Pensar nisso agora seria um desejo de vingança. H. era algo esplêndido; uma alma reta, brilhante e temperada como uma espada; mas não uma perfeita santa. Uma mulher pecadora casada com um homem pecador; dois dos pacientes de Deus, ainda não curados. Sei que não há apenas lágrimas para enxugar, mas também manchas para remover. A espada se tornará ainda mais reluzente.

Mas, ó Deus, tenha compaixão. Antes, mês após mês semana após semana, você lhe torturou o corpo com o suplício da roda, enquanto ela ainda o vestia. Isso não foi suficiente?

Coisa terrível é pensar que um Deus bom seja, nesse sentido, quase menos formidável do que um Sádico Cósmico. Quanto mais acreditamos que Deus fere apenas para curar, menos nos é dado crer que haja alguma utilidade em suplicar por ternura. Um homem cruel pode ser subornado — pode cansar-se de seu esporte imoral — pode ter um acesso temporário de bondade, como os alcoólatras têm acessos de sobriedade; mas suponha que aquilo com que você se bate seja um cirurgião cujas intenções são inteiramente boas. Quanto mais gentil e consciente ele é, mais sem piedade prosseguirá cortando. Se ele desistir diante de suas súplicas, se ele se detiver antes que a operação chegue ao fim, toda a dor até àquele ponto terá sido inútil; porém é de acreditar-se que extremos semelhantes de tortura nos sejam necessários? Bem, faça sua escolha. As torturas ocorrem. Se elas são desnecessárias, então não há Deus nenhum, tampouco um Deus mau. Se há um Deus bom, então essas torturas são necessárias. Pois nenhum Ser que fosse bom, mesmo de maneira

comedida, provavelmente seria capaz de as infringir ou de as permitir caso elas não fossem necessárias.

Seja o que for, não há como escapar.

O que as pessoas querem dizer quando afirmam: “Não tenho medo de Deus porque sei que Ele é bom.”? Será que nunca foram ao dentista?

No entanto isso é insuportável. E então se balbucia: “Ah, se me fosse dado padecer, ou o pior, ou uma parte, em vez dela...”; mas não se pode aquilatar a seriedade dessa declaração, pois não há o risco de se perder algo. Se de uma hora para outra se tornasse uma possibilidade real, então, pela primeira vez, descobriríamos com que seriedade a expressamos. Se isso nos seria possível é incerto, mas o foi a Alguém, conforme relatos, e acho que agora posso crer de novo, que Ele fez de modo vicário tudo o que se pode fazer assim. Ele responde diante de nossa hesitação: “Vocês não podem e não ousam. Eu pude e ousei.”.

Aconteceu algo imprevisto nesta manhã. Por várias razões, não de todo misteriosas em si mesmas, meu coração estava mais leve do que estivera por muitas semanas. Em primeiro lugar, suponho que começo a recuperar-me fisicamente de uma boa dose de pura exaustão. No dia anterior, eu passara por doze horas muito cansativas, embora bem saudáveis, e por uma noite ininterrupta de sono; depois de dez dias de um céu cinzento e de umidade morna e estática, o sol brilhava e soprava uma brisa leve. De repente, bem no momento em que, até aqui, lamentei menos a perda de H., lembrei-me mais dela. Na verdade, foi algo (quase) melhor do que lembrança; uma impressão instantânea, incontestável. Dizer que

era como um encontro seria ir longe demais; no entanto houve aquilo que induz uma pessoa a usar essas palavras. Era como se a suspensão da tristeza removesse um obstáculo.

Por que ninguém me disse essas coisas? Quão facilmente eu poderia ter julgado mal um outro homem na mesma situação? Eu poderia ter dito: “Ele conseguiu superar. Já esqueceu a mulher.”, quando a verdade seria dizer que “Ele se lembra mais dela *porque* em parte conseguiu superar.”.

O fato era exatamente esse. E acredito que eu possa compreendê-lo. Não é possível ver nada de maneira adequada enquanto os olhos estiverem embaçados de lágrimas. Você não pode, na maioria das situações, conseguir o que deseja se o fizer desesperadamente: o resultado é que não conseguirá aproveitá-lo ao máximo. No entanto, dizer: “Ora, vamos ter uma conversa franca” faz calar todo mundo. Já “*Eu preciso de uma boa noite de sono*” prenuncia horas de vigília. As melhores bebidas passam despercebidas diante de uma sede voraz. De modo semelhante, seria a própria intensidade do anseio que cerra a cortina de ferro a ponto de nos fazer sentir que estamos olhando fixamente no vácuo quando pensamos sobre nossos mortos? “Todo o que pede” (em qualquer caso, “até importunar”)³ não recebe. E talvez não o possa.

E o mesmo, talvez, no que diz respeito a Deus. Aos poucos passei a sentir que a porta não está mais fechada e aferrolhada. Será que foi minha necessidade frenética que a fechou na minha cara? Quando nada há em sua alma exceto

³Ver Lucas 18.1-8 [N. do E.].

um grito de socorro talvez seja o exato momento em que Deus não o pode atender: você é como o homem que se afoga e que não pode ser ajudado por tanto se debater. É possível que seus gritos repetidos o deixem surdo à voz que você esperava ouvir.

Entretanto “ ‘... batam, e a porta lhes será aberta’ ”.⁴ Até que ponto “bater” significa esmurrar e chutar a porta como um maníaco? E há também o “ ‘A quem tem será dado...’ ”.⁵ No final das contas, você precisa ter determinada capacidade para receber, caso contrário nem mesmo o poder absoluto será capaz de lhe dar. É bem provável que sua própria paixão destrua temporariamente tal habilidade.

Quando você está lidando com Deus, é possível cometer toda sorte de equívocos. Há muito tempo, antes de nos casarmos, H. passou uma manhã inteira assustada, enquanto estava às voltas com seu trabalho, com a vaga sensação de Deus, por assim dizer, “estar no seu pé” exigindo atenção. É claro que, por não ser nenhuma santa, ela suspeitou que se tratava, como habitualmente acontece, de algum pecado não confessado ou de algum dever incômodo. Por fim, ela cedeu — sei como é usar de evasivas — e O encarou. Para surpresa sua, a mensagem era: “Quero *dar-lhe* algo”. Imediatamente ela foi tomada por uma profunda alegria.

Acho que estou começando a entender por que o luto se parece com o suspense. Ele advém da frustração de muitos

⁴Mateus 7.7 [N. do E.].

⁵Mateus 13.12 [N. do E.].

impulsos que se haviam tornado habituais. Um pensamento após o outro, um sentimento após o outro, uma ação após outra — tudo levava até H. Agora, o alvo não existe mais. Como de costume, continuo ajustando uma seta à corda, então me lembro que tenho de vergar o arco. Muitas estradas conduzem o pensamento a H. Começo a jornada numa delas; mas agora há um posto fronteiriço intransponível. Antes tantas estradas...; agora, tantos *culs de sac*.⁶

Uma boa esposa traz muitos “eus” dentro de si. O que H. não foi para mim? Ela foi minha filha e mãe, minha aluna e mestra, minha súdita e soberana. Era uma perfeita combinação: minha confidente, amiga, companheira de bordo. Minha amada, mas, ao mesmo tempo, tudo o que nenhum amigo (e olha que tenho bons amigos) jamais foi para mim. Talvez até mais. Se nunca nos tivéssemos apaixonado, é bem provável que, mesmo assim, estivéssemos sempre juntos e nos tornássemos alvo de mexericos. Foi o que eu quis dizer quando certa vez a elogiei por suas “virtudes masculinas”. Ela, no entanto, em pouco tempo tratou de dar um basta a isso, perguntando-me se eu gostaria de ser elogiado por minhas virtudes femininas. Foi uma boa *riposte*,⁷ querida. Mesmo assim, nela havia um quê de Amazona, de Pentésiléia⁸ e

⁶Do francês, “becos sem saída” [N. do E.].

⁷Do francês, “contragolpe”, “resposta rápida e incisiva” [N. do E.].

⁸A rainha das amazonas, filha de Ares. Diz-se que, depois de sucumbir, ferida por Aquiles, achava-se tão bela na morte, que Aquiles se apaixonou perdidamente por ela. As amazonas ficaram conhecidas por seu espírito bélico e viril, próprio do homem [N. do T.].

Camila.⁹ E você, tanto quanto eu, ficou contente que fosse assim. Ficou satisfeita que eu tenha reconhecido isso.

Salomão chegou a chamar sua noiva de irmã. Poderia uma mulher ser uma esposa perfeita, exceto quando, por um momento, num determinado estado de espírito, um homem se sentisse quase inclinado a chamá-la de irmão?

“O que é bom dura pouco” é o que sou tentado a dizer de nosso casamento; mas isso pode ser entendido de duas formas. Pode ser algo assustadoramente pessimista — como se Deus não conseguisse ver duas pessoas felizes e pusesse um ponto final: “Não tem nada disso aqui!”. Como se Ele fosse igual à Anfitriã que, numa festa regada a xerez, separa dois convidados no exato momento em que eles dão mostras de estarem “se entendendo” muito bem; mas também poderia significar: “Ótimo, já atingiu a perfeição. Tornou-se naquilo que tinha condições de ser. Portanto, é claro, não poderia durar demais”. É como se Deus dissesse: “Bem, vocês passaram no teste. Estou satisfeito com o resultado. Agora vocês estão prontos para passar ao seguinte”. Depois que você aprende a fazer equações de segundo grau e chega a gostar delas, não pára por aí. O professor motiva-o a seguir em frente.

Isso porque somos do tipo que aprendemos e realizamos algo. Às ocultas ou às claras, parece haver uma espada entre os sexos até que um casamento genuíno os reconcilie. É nossa arrogância que chama virtudes como a franqueza, a im-

⁹Filha de Metabo e de Camila. Diz-se que se destacava pela rapidez na corrida e habilidade no manejo do arco [N. do T.].

parcialidade e o cavalheirismo de “masculinas”, quando as vemos igualmente numa mulher; é pura arrogância nossa atribuir a sensibilidade, o tato, ou carinho de um homem ao seu lado “feminino”. Igualmente absurdo é atribuir características aos pobres e aos párias da humanidade, homens e mulheres simples, para tornar plausíveis as implicações dessa arrogância! O casamento tem o poder de curar essas coisas. Juntos, os dois tornam-se de todo humanos. “À imagem de Deus [...] homem e mulher *os* criou”.¹⁰ Assim, graças a um paradoxo, esse carnaval em que se tornou a sexualidade levamos além dos limites de diferenças entre os sexos.

E, então, um ou outro morre. E pensamos nisso como um amor que foi podado; como uma dança interrompida quando começava a evoluir, ou como uma flor com seu botão bruscamente arrancado — algo mutilado e, portanto, deformado. Penso comigo mesmo: se, como não posso deixar de suspeitar, os mortos também sentem os tormentos da separação (entendidos por alguns como um dos seus sofrimentos expiatórios), então para ambos os amantes, e para todos os casais de apaixonados, sem exceção, a perda causada pela morte é uma parte universal e integrante da experiência de amar. Ela decorre do casamento de modo tão natural quanto o casamento é consequência do namoro, ou como o outono vem depois do verão. Não se trata de um truncamento do processo, mas de uma de suas fases; não a interrupção da dança, mas a execução do número seguinte. Somos “arran-

¹⁰Gênesis 1.27 [N. do E.].

cados de dentro de nós mesmos” pela pessoa amada enquanto ela está aqui. Então se inicia a cena trágica do espetáculo em que só nos resta aprender a sermos arrancados de nós mesmos, embora a presença concreta da pessoa amada nos tenha sido arrancada. Aprender a amar exatamente a ela, e a não voltar a amar nosso passado, nem nossas lembranças, nem nossa tristeza ou o alívio que temos da tristeza, tampouco nosso próprio amor.

Revedo o que escrevi, percebo que só há bem pouco tempo estive muito voltado para minhas lembranças de H. e para como elas poderiam tornar-se falsas. Por alguma razão — o bom-senso misericordioso de Deus é o único em que posso pensar — deixei de aborrecer-me com isso. E o fato surpreendente é que, desde que deixei de fazê-lo, H. parece vir ao meu encontro em toda parte. *Vir ao meu encontro* é uma expressão forte demais. Não quero dizer algo de modo vago como uma aparição ou uma voz. Não quero referir-me sequer a nenhuma experiência notadamente emocional em determinado momento. De preferência, refiro-me a um tipo de impressão discreta, mas concreta, de que ela é, apenas no grau em que sempre foi, um fato a ser levado em consideração.

“Ser levado em consideração” talvez seja um modo infeliz de exprimi-lo. Soa como se ela fosse, de preferência, uma mulher dominadora. Como o posso definir melhor? Serviria dizer “momentaneamente real” ou “obstinadamente real”? É como se, com essa experiência, algo dissesse: “Por coincidência, você está extremamente satisfeito com que H. ainda seja um fato; mas lembre-se de que ela seria igualmente um

fato quer você gostasse ou não disso. Suas preferências não foram levadas em conta.”.

Até onde cheguei? Creio que até onde outro viúvo chegaria se parasse de cavar, apoiando-se em sua pá, e respondesse à nossa indagação: “Obrigado. Não tenho de ficar resmungando. Sinto terrivelmente a falta dela; mas dizem que essas coisas são enviadas para nos provar.”. Chegamos ao mesmo ponto; ele, com sua pá, e eu, que hoje não sou muito bom em cavar, com meu próprio instrumento. Mas é claro que se deve entender o “...enviadas para nos provar” da maneira correta. Deus certamente não estava fazendo uma experiência com minha fé nem com meu amor para provar sua qualidade. Ele já os conhecia muito bem. Eu é que não. Nesse julgamento, ele nos faz ocupar o banco dos réus, o banco das testemunhas e o assento do juiz de uma só vez. Ele sempre soube que meu templo era um castelo de cartas. A única forma de fazer-me compreender o fato foi colocá-lo abaixo.

Recuperar-se tão cedo? Mas as palavras são ambíguas. Dizer que o paciente está recuperando-se depois de uma operação de apendicite é uma coisa; depois de lhe amputarem a perna é outra bem diferente. Depois dessa operação, ou o coto cicatriza ou o homem morre. Se cicatrizar, a dor atroz e contínua cessará. Dentro em pouco ele recobrará a força e será capaz de caminhar com uma perna de pau. Ele “se recuperou”; mas é provável que sinta dores recorrentes no coto por toda a vida e talvez padecimentos bem ruins; ele sempre será um pernetá. Dificilmente haverá algum momento em que se esqueça disso. Tomar banho, vestir-se, sentar-se e levantar-se de novo, até mesmo deitar na cama, tudo será

diferente. Seu tipo de vida mudará na totalidade. Todo tipo de prazeres e atividades um dia tão certos deverão ser simplesmente eliminados. Os deveres também. No momento, estou aprendendo a andar com muletas. Talvez em breve me seja dada uma perna de pau; mas jamais serei um bípede de novo.

No entanto, não há que se negar que, em certo sentido, eu “me sinta melhor” e a isso se segue imediatamente um tipo de vergonha, e certo sentimento de que se está sob o comando de uma espécie de obrigação de acalentar, fomentar e prolongar a infelicidade de alguém. Li a respeito, mas jamais imaginei que eu mesmo o fosse sentir. Estou certo de que H. não aprovaria isso. Ela me diria para eu não ser um tolo. O mesmo — estou certo — faria Deus. O que há por trás disso?

Em parte, sem dúvida, a vaidade. Queremos provar a nós mesmos que somos os que amam em grande medida, os heróis trágicos; não apenas soldados rasos, comuns no vasto exército dos consternados, trabalhando duro e tirando o melhor proveito de um trabalho malfeito. Mas isso não é tudo.

Creio que haja também certa confusão. Não queremos de fato que o luto, em suas primeiras agonias, se prolongue: ninguém poderia fazer isso. Queremos, porém, algo mais do qual o luto é um sintoma freqüente, e então confundimos o sintoma com a coisa em si. Escrevi na noite passada que a consternação não é o truncamento do amor conjugal, mas uma de suas fases regulares — a exemplo da lua-de-mel. O que queremos é viver bem nosso casamento, e de maneira fiel, passando também por essa fase. Se ele dói (e com certeza

doerá), aceitamos os padecimentos como uma parte necessária dessa fase. Não queremos fugir a eles ao preço do abandono nem do divórcio. Matar os mortos uma segunda vez. Éramos uma só carne. Agora ela foi partida em dois; não queremos fingir que está ileso e inteira. Ainda estaremos casados, casados ainda no amor. Portanto ainda sentiremos dor; mas de forma alguma estamos — se entendemos a nós mesmos — buscando o sofrimento pelo bem dele mesmo. Quanto menos sofrimento, melhor, enquanto o casamento for preservado. E quanto mais alegria puder haver no casamento entre o morto e o vivo, melhor.

Melhor em cada aspecto. Pois, como descobri, o intenso sentimento de luto não nos liga aos mortos, mas nos separa deles. Isso se torna cada vez mais claro. É só naqueles momentos em que sinto menos tristeza — entrar no meu banho matinal é um deles — que H. se precipita sobre minha mente em sua realidade plena, em sua alteridade. Não, como em meus piores momentos, toda gasta e patética, solene, por minha infelicidade, mas como ela é por si só. Isso é bom e estimulante.

Parece que me lembro — embora não possa citar uma no momento — de toda a sorte de baladas e contos populares em que os mortos nos dizem que nossa lamentação lhes causa algum tipo de dano. Eles nos suplicam que paremos de nos lamentar. Talvez haja muito mais profundidade nisso do que eu pensava. Se assim for, a geração de nossos avós extraviou-se muito. Todo aquele ritual, às vezes de toda uma vida, de tristeza — visitar túmulos, conservar os aniversários, deixar o quarto vazio exatamente como “os que partiram” costuma-

vam mantê-lo, ou não fazer menção nenhuma aos mortos ou a eles se referir num tom de voz especial, ou até mesmo (a exemplo da Rainha Vitória) ter a toalha de mesa do morto estendida para o jantar a cada noite — uma espécie de mumificação. Tornava os mortos muito mais mortos.

Ou era esse (inconscientemente) o objetivo da mumificação? Algo bem primitivo talvez esteja em atividade, aqui. Manter os mortos inteiramente mortos, certificar-se de que não voltarão a andar sorrateiros entre os vivos é uma preocupação fundamental da mente primitiva. Fazê-los, a qualquer custo, “ficar no lugar deles”. Decerto esses rituais enfatizam-lhes a condição de mortos. Talvez essa consequência não fosse na verdade tão indesejável – nem sempre – como acreditavam os ritualistas.

Mas não tenho o direito de julgar nada nem ninguém. Tudo suposição. O melhor que tenho a fazer é não perder meu tempo. Para mim, em todo caso, o roteiro é simples. Voltarei a ela tanto quanto possível com alegria. Até mesmo a cumprimentarei com um sorriso. Quanto menos a lamentar, mais próximo estarei dela.

Um roteiro admirável. Infelizmente, não pode ser levado a efeito. Nesta noite, todos os infernos do luto imaturo abriram-se de novo; as palavras enlouquecidas, o amargo ressentimento, o frêmito no estômago, a irrealidade do pesadelo, o mergulho nas lágrimas. Pois no luto nada “fica no lugar”. Prossegue-se emergindo de uma fase, mas ela sempre volta. Vai e volta. Tudo se repete. Estou andando em círculos, ou ouse esperar que esteja numa espiral?

Se se trata de uma espiral, porém, estou subindo ou descendo?

Quantas vezes — será que para sempre? — quantas vezes o vasto vazio me deixará atônito como uma completa novidade e me fará repetir: “Jamais compreendi minha perda até este momento”? A mesma perna é amputada vez após outra. O primeiro momento em que se enterra a faca na carne é sentido repetidas vezes.

Costumam dizer que “O covarde morre muitas vezes”. O mesmo se dá com a pessoa amada. A águia não encontrava em Prometeu um fígado regenerado para despedaçar cada vez que jantava?

CAPÍTULO QUATRO

Este é o quarto — e o último — caderno de manuscritos vazio que posso encontrar na casa; pelo menos quase vazio, pois há algumas páginas de aritmética muito antiga no final, saídas do punho de J. Resolvo deixar que isso limite os meus rabiscos. *Não* começarei a comprar cadernos com esse objetivo. Enquanto esse registro foi uma defesa contra o colapso total, uma válvula de segurança, fez-me algum bem. O outro fim que eu tinha em mente veio a basear-se num mal-entendido. Pensei que pudesse descrever um *estado*; traçar um mapa da tristeza. Esta, contudo, não vem a ser um estado, mas um processo. Não carece de um mapa, mas de uma história, e se eu não parar de escrever esta história em algum ponto claramente arbitrário, não há nenhuma razão por que eu deva parar um dia. Há algo novo a ser relatado a cada dia. A dor da perda é como um grande vale, um vale sinuoso que a cada curva pode revelar uma paisagem totalmente nova. Mas, como já observei, não em todas as curvas. Vez por outra, a surpresa é a curva à frente; você depara exatamente com o mesmo tipo de campo que julgou ter deixado quilômetros atrás. Eis quando você se pergunta se o vale não é

uma trincheira circular; mas ele não é. Há recorrências parciais, mas a seqüência não se repete.

Aqui, por exemplo, começa uma nova fase, uma nova perda. Realizo toda a caminhada de que sou capaz, pois eu seria um tolo se fosse para a cama sem estar cansado. Atualmente, tenho revisitado antigos lugares há muito conhecidos, fazendo uma das longas perambulações que me deixavam tão feliz em meus dias de solteiro. Desta vez, a face da natureza não se esvaziou de sua beleza, e o mundo não pareceu (como me queixei há alguns dias) uma rua sórdida. Pelo contrário, cada estilo ou bosque de árvores convocaram-me a um tipo de felicidade passada, minha felicidade antes de H.; e o convite pareceu-me horrível. A felicidade a que me intimava era insípida. Acho que não quero voltar novamente e ser feliz *daquela* forma. Assusta-me pensar que um simples retorno ainda seja possível. Pois este destino a mim me pareceria o pior de todos: chegar a um estado em que meus anos de amor e matrimônio se afigurariam, em retrospectiva, um episódio encantador — como são as férias — que há pouco interrompera minha vida interminável e me devolvera ao normal, inalterado. E então chegaria a parecer irreal — algo tão estranho à constituição de minha história, que eu quase seria capaz de acreditar que acontecera a alguém mais. Assim H. morreria para mim uma segunda vez; uma dor pior do que a primeira. Qualquer coisa, menos isso.

Será que você teve consciência, querida, do quanto levou consigo quando partiu? Você me privou até de meu passado, até das coisas que nunca partilhamos. Eu estava errado em

dizer que o coto estava recuperando-se da dor da amputação. Enganei-me porque ele tem tantas formas de ferir-me, que eu as descubro apenas uma de cada vez.

No entanto há os dois enormes ganhos — agora, eu mesmo sei o bastante para chamá-los de “duradouros”. Voltada para Deus, minha mente não encontra mais a porta fechada; voltada para H., não encontra mais aquele vácuo — tampouco toda aquela confusão acerca da imagem mental que tenho dela. Meus rabiscos mostram algo do processo, mas não tanto quanto eu esperara. Talvez ambas as mudanças não fossem, de fato, passíveis de observação. Não houve nenhuma transição súbita, surpreendente e de caráter emocional. Como o aquecimento de um cômodo ou o raiar do dia. Quando você se dá conta deles pela primeira vez, eles já estão em andamento há algum tempo.

Os apontamentos foram sobre mim mesmo, sobre H. e sobre Deus. Nessa ordem. A ordem e as proporções foram exatamente o que não deveriam ter sido. E percebo que minhas anotações não se reduziram a louvar qualquer um deles; no entanto isso teria sido o melhor para mim. O louvor é uma forma de amor que sempre traz em si algum componente de alegria. Louve na ordem certa; a Ele, como o doador; a ela, como a dádiva. Será que, de alguma forma, no louvor alegramo-nos com o beneficiário desse louvor, embora estejamos distantes da coisa louvada? Devo fazer mais do que isso. Perdi a alegria que uma vez tivera de H. E estou longe, muito longe, no vale da minha diferença, do contentamento que, com Sua graça infinita, posso algum dia rece-

ber de Deus. Louvando, porém, posso ainda, em certo grau, alegrar-me nela e, então, até certo ponto, usufruí-LO. Melhor do que nada.

Contudo talvez me falte a dádiva. Vejo que descrevi H. como uma espada. Isso é verdadeiro até certo ponto; mas inteiramente inadequado por si mesmo, e enganador. Eu deveria ter refletido melhor. Deveria ter dito: “Mas também como um jardim. Como um refúgio de jardins, parede dentro de parede, cercado de pequenos arbustos, mais secreto, mais repleto de fragrância e vida fértil, quanto mais você penetra nele.”.

E, então, só resta dizer dela e de toda criação que motive o meu louvor: “De alguma forma, de uma maneira especial, como Ele que a criou.”.

Assim, do jardim ao Jardineiro, da espada ao Ferreiro. À Vida doadora de vida e à Beleza que torna tudo belo.

“Ela está nas mãos de Deus.” Essa idéia adquire nova energia quando penso nela como uma espada. Talvez a vida terrena que partilhei com ela fosse apenas uma parte da ação de temperar. Agora Ele talvez desembainhe a espada; pese a nova arma; faça-a lampear no ar. “A verdadeira espada de Jerusalém”.

Um momento específico da noite passada pode ser descrito com o uso da comparação, pois, de outra forma, não entrará de maneira nenhuma na língua. Imagine um homem na escuridão total. Ele acha que está num porão ou numa masmorra. Então, ouve-se um som à distância — ondas ou árvores que o vento sopra, ou gado a cerca de um

quilômetro. Se assim for, isso prova que ele não está num porão, mas livre, a céu aberto. Ou pode ser um som muito mais brando, bem próximo — um sorriso de satisfação. E, se assim for, há um amigo bem a seu lado em meio ao escuro. De qualquer forma, um agradável, agradável som. Não sou louco a ponto de considerar tal experiência como evidência para qualquer coisa. Trata-se apenas do processo criativo por que passa uma idéia que eu sempre teria admitido teoricamente — a idéia de que eu, ou de que outro mortal qualquer em alguma outra época, possa enganar-me inteiramente quanto à situação em que na verdade me encontro.

Os cinco sentidos; um intelecto incuravelmente abstrato; uma memória acidentalmente seletiva; um conjunto de idéias preconcebidas e suposições tão numerosas, que não tenho como analisar senão uma minoria delas — nem sequer me tornar consciente de todas elas. Quanto da realidade é capaz de admitir um aparato semelhante?

Não irei, caso eu possa evitar, subir nem na árvore de penas, nem na de espinhos. Duas convicções diversas a respeito do todo pressionam-me cada vez mais o espírito. Uma é a de que o Veterinário Eterno é ainda mais inexorável; a outra, de que as possíveis operações ainda sejam mais dolorosas do que nossas elucubrações mais graves podem prever; mas há outra, segundo a qual “tudo acabará bem”.

Não importa que todas as fotografias de H. sejam ruins. Não importa — não muito — se as lembranças que tenho dela sejam imperfeitas. As imagens, quer no papel, quer na mente, não são importantes por si mesmas. Apenas ellos. Pen-

semos numa comparação infinitamente superior. Amanhã de manhã um sacerdote me dará uma hóstia pequena, redonda, fina, fria e insípida. Pode-se considerar uma desvantagem — em alguns aspectos, não será uma vantagem — que ela não tenha a mínima *semelhança* com aquilo a que me une?

Necessito de Cristo, não de algo que se pareça com ele. Quero H., não algo que seja como ela. Uma fotografia realmente boa pode tornar-se, no final, uma armadilha, algo deprimente e um verdadeiro obstáculo.

As imagens, devo supor, têm lá o seu uso, ou não seriam tão populares. (Faz pouca diferença se elas são retratos e estátuas exteriores à mente, ou criações dela.) Para mim, contudo, seu perigo é mais óbvio. As imagens do Sagrado facilmente se tornam imagens sagradas — sacrossantas. Minha idéia de Deus não é uma idéia divina. Ela deve ser despedaçada. Ele próprio a despedaça. Ele é o grande iconoclasta. Não nos seria possível quase dizer que esse despedaçamento constitui uma das marcas de Sua presença? A Encarnação é o supremo exemplo; Ela reduz a ruínas todas as idéias anteriores sobre o Messias. E a maior parte das pessoas se sentem “ofendidas” pela iconoclastia; e abençoados são os que não se sentem assim. A mesma coisa, porém, ocorre em nossas orações particulares.

Toda realidade é iconoclasta. A pessoa amada na Terra, até mesmo nesta vida, não cessa de triunfar sobre a simples idéia que você faz dela. E você quer que seja assim; você a quer com todas as resistências, todas as faltas, toda sua im-

previsibilidade, isto é, em sua realidade franca e independente. E é isso, e não outra imagem ou lembrança qualquer, que devemos amar mesmo depois que ela morra.

Mas “isso” não é passível de ser imaginado. A esse respeito, H. e todos os mortos são como Deus. Assim como amá-la tornou-se, em sua medida, como amar a Ele. Em ambos os casos, devo estender braços e mãos de amor — os olhos do amor aqui não se podem usar — para a realidade, por entre — por sobre — toda a fantasmagoria mutável dos meus pensamentos, paixões e fantasias. Não devo satisfazer-me com a própria fantasmagoria nem reverenciá-la no lugar dEle, tampouco amá-la no lugar dela.

Não a minha idéia a respeito de Deus, mas o próprio Deus. Não a minha idéia de H., mas ela mesma. E também não a idéia que tenho de meu vizinho, mas meu vizinho. Não cometemos sempre o mesmo erro com pessoas que ainda estão vivas — que estão conosco no mesmo ambiente?, falando e fazendo coisas não para o homem em si, mas para a figura — quase o *précis*¹ — que dele fizemos em nosso espírito? Caberá a ele refutar tal imagem antes de sequer nos darmos conta do fato. Na vida real — qualificativo este que a faz diferir dos romances — as palavras e os atos desse homem dificilmente são próprios de seu “caráter”, se observarmos atentamente; ou seja, a que chamamos seu caráter. Sempre haverá uma carta na sua manga da qual não tínhamos conhecimento.

¹Do francês, “resumo”, “esboço” [N. do E.].

Minha razão para admitir que faço isso é o fato de que, vezes sem conta, pego as pessoas às claras fazendo isso comigo. Todos achamos que conhecemos as intenções uns dos outros.

Uma vez mais, eu pareço estar construindo com cartas. E se estiver, Ele uma vez mais haverá de derrubar a estrutura ao chão. Derrubá-la-á tantas vezes quantas forem necessárias. A menos que eu deva no final ser considerado um incorrigível, e reste-me construir castelos de papel no inferno para sempre; “vivo entre os mortos.”

Será que eu estaria, por exemplo, só voltando a me aproximar sorrateiramente de Deus porque sei que, se houver alguma estrada até H., ela passa por Ele? Mas então, é claro, sei muito bem que Ele não pode ser usado como uma estrada. Se você se aproxima dEle não como uma meta, mas como uma estrada, não como o fim, mas como um meio, você na verdade não está aproximando-se dEle. É isso o que estava verdadeiramente errado com todas aquelas representações populares de reuniões felizes sobre o “o outro lado do rio”; não as imagens simplórias e por demais grosseiras, mas o fato de que elas põem um Fim ao que só podemos obter como um subproduto do verdadeiro Fim.

Senhor, são essas as suas verdadeiras palavras? Só poderei encontrar H. de novo se aprender a amá-LO tanto, que não me preocupe com encontrá-la? Senhor, preste atenção em como isso parece para nós. O que pensariam de mim se eu dissesse aos meninos: “Nada de balas agora; mas quando vocês crescerem e não tiverem realmente vontade de chupar balas, vocês terão a quantidade que quiserem”?

Se eu soubesse que ver-me separado eternamente de H. e ser eternamente esquecido por ela haveriam de emprestar a seu ser uma alegria e esplendor maiores, evidentemente eu diria: “Fogo à frente”. Assim como se, na Terra, eu pudesse tê-la curado do câncer não a vendo nunca mais, eu teria tomado providências para não vê-la de novo. Eu teria sido obrigado a fazer isso. Qualquer pessoa decente o faria. Mas o caso é bem outro. Não se trata da situação em que me encontro.

Quando apresento essas questões a Deus não deixo de ter uma resposta; mas, em vez disso, uma variável do tipo “sem resposta”. Não se trata da porta fechada. É mais como uma contemplação silente, com certeza não impiedosa. Como se Ele meneasse a cabeça não em recusa, mas deixasse de lado a pergunta. Algo como “Fique em paz, meu filho; você não entende.” É mais como um olhar fixo e silencioso, com certeza não impiedoso.

Pode um mortal fazer perguntas que Deus considera não passíveis de resposta? Absolutamente, sim. Todas as perguntas sem sentido não são passíveis de resposta. Quantas horas há num quilômetro? O amarelo é quadrado ou redondo? Provavelmente, metade das perguntas que fazemos — metade de nossos grandes problemas teológicos e metafísicos — pertençam a essa categoria.

Agora que estou pensando sobre o assunto, não há nenhum problema de ordem prática para mim. Conheço os dois grandes mandamentos, e a melhor coisa que tenho a fazer é lidar com eles. Na verdade, a morte de H. pôs um

termo a esse problema. Enquanto ela estava viva, eu poderia, na prática, tê-la colocado acima de Deus; ou seja, poderia ter feito a vontade dela, e não o contrário, no caso de um conflito de interesses. O que resta não é um problema sobre algo que eu poderia *fazer*. Falo da complexidade dos sentimentos e motivos, e coisas do gênero. Trata-se de algo a que eu mesmo preciso ajustar-me. Não creio que Deus o faça por mim.

A fruição de Deus. A reunião com os mortos. Essas coisas só podem figurar em meu pensamento como fichas. Cheques em branco. Minha idéia, se é que se pode chamá-la assim — da primeira é uma enorme e arriscada estimativa de algumas poucas e breves experiências que tive. Provavelmente, experiências não tão importantes quanto penso. Talvez até menos valiosas do que outras que não levo em conta. Minha idéia da segunda é também uma extrapolação. Basta uma delas tornar-se em realidade — o ato de descontar qualquer um dos cheques — para que provavelmente todas as idéias de alguém sobre ambas (tanto mais as idéias que se tem acerca das relações de uma com a outra) se desfaçam em pedaços.

Por um lado, trata-se da união mística; por outro, da ressurreição do corpo. Não consigo imaginar o espectro de uma imagem, uma fórmula, nem mesmo um sentimento, que as combine; mas a realidade, que nos é dado entender, alcança-as. A realidade, a iconoclasta, uma vez mais. O Céu resolverá nossos problemas, mas não, suponho, ao mostrar-nos reconciliações sutis entre todas as nossas idéias visivelmente con-

traditórias. As idéias cairão todas aos nossos pés. Veremos que nunca houve problema algum.

E volto, mais de uma vez, a ter aquela sensação difícil de descrever, a não ser dizendo que ela se assemelha ao som de um sorriso comedido de satisfação no escuro. A impressão de que alguma forma de simplicidade perturbadora e óbvia é a resposta real.

Pensa-se comumente que os mortos nos vêem. E admitimos, com razão ou não, que, se eles nos vêem, vêem-nos de modo mais claro do que antes. Será que H. agora vê exatamente o quanto de palavrório ou retórica havia no que ela chamava — e eu chamo — de meu amor? Que assim seja. Olhe o melhor que puder, querida. Eu não esconderia, se pudesse. Nós não idealizamos um ao outro. Não tentamos manter quaisquer segredos. Você conheceu a maioria dos “podres” em mim. Se agora vê algo pior, posso aceitá-lo. Você também. Dê bronca, explique, zombe, perdoe. Pois esse é um dos milagres do amor. Ele concede — a ambos, mas talvez principalmente à mulher — uma capacidade de ver além de seus próprios atrativos e, ainda assim, sem perder o encanto.

Para ver, em certa medida, como Deus. O amor e o conhecimento dEle não se distinguem um do outro, nem dEle próprio. Poderíamos até dizer que Ele vê porque ama, e portanto ama, embora veja.

Às vezes, Senhor, somos tentados a dizer que, se quiseste que nos comportássemos como os lírios do campo, poderias ter-nos dado uma compleição mais semelhante à deles; mas

isso, imagino, é justamente o teu grande experimento. Ou melhor, não um experimento, já que não tens necessidade alguma de fazer descobertas. De preferência, teu grande empreendimento. Criar um organismo que é também um espírito; criar esse terrível oxímoro, um “animal espiritual”. Pegar um pobre primata, uma fera com terminações nervosas em todo o corpo, uma criatura provida de um estômago que quer ser cheio, um animal capaz de reproduzir-se que deseja seu par, e dizer “Agora vamos com isso. Vire um deus.”.

Eu disse, diversos cadernos atrás, que, mesmo que eu tivesse algo parecido com uma certeza da presença de H., não acreditaria. É mais fácil dizer do que fazer. Mesmo agora, no entanto, não vou tratar nada disso como evidência. É a *qualidade* da experiência da última noite — não o que prova, mas o que foi — o que a torna digna de ser registrada, praticamente desprovida de emoções. Só a impressão da *mente* dela contrapondo-se momentaneamente à minha. Mente, não “alma”, como tendemos a pensar da alma. Decerto, o contrário do que se chama “de toda a sua alma”. Nada que se pareça com uma união de êxtase de apaixonados. Muito mais parecido a um telefonema ou um telegrama dela para tratar de alguma providência prática. Não que houvesse alguma “mensagem” propriamente — só inteligência e atenção. Nenhum sentido de alegria nem de tristeza. Sequer amor, no sentido comum que lhe emprestamos. Nenhum *des-amor*. Em nenhum estado de espírito, eu jamais imaginara os mortos assim tão..., bem, práticos; no entanto havia uma familiari-

dade extrema e prazerosa. Uma familiaridade que não passara pelos sentidos nem pelas emoções.

Se isso tudo foi uma irrupção do meu inconsciente, então se trata de uma região muito mais interessante do que aquilo que os adeptos da psicologia profunda me levaram a acreditar. Acima de tudo, ele é aparentemente muito menos primitivo do que a minha consciência.

De onde quer que tenha vindo, serviu para purificar minha mente. Os mortos poderiam ser assim: puro intelecto. Um filósofo grego não teria sido surpreendido numa experiência como a minha. Para ele, se algo de nós permanecesse depois da morte, esse algo só poderia ser aquilo especificamente. Até agora, isso sempre me pareceu uma idéia das mais estéreis e gélidas. A falta de emoção me repugnava; mas nesse contato (quer real, quer aparente) ela não fez algo do tipo. Não havia necessidade de emoção. A intimidade foi total — agudamente estimulante e reparadora também — sem ela. Será que essa intimidade pode ser o próprio amor, sempre nesta vida acompanhado da emoção, não porque seja em si mesmo uma emoção, nem necessite de uma emoção concomitante, mas porque nossa alma animal, nosso sistema nervoso e nossa imaginação têm de reagir a ele dessa forma? Se assim for, quantas idéias preconcebidas devo pôr fora! Uma sociedade, uma comunhão, de inteligências puras não seria fria, nem insípida, tampouco sem consolo. No entanto não seria como o que as pessoas com freqüência entendem quando usam palavras tais como *espiritual*, ou *místico*, ou *sagrado*. Se é que eu tive um vislumbre, seria ele... — bem, quase me

assustam os adjetivos que eu teria de usar — ...borbulhante? hilário? penetrante? alerta? intenso? atento?, sobretudo, sólido. Inteiramente confiável. Firme. Não existem palavras sem sentido a respeito dos mortos.

Ao dizer “intelecto” deixo implícita a vontade. A atenção é um ato da vontade. A inteligência em ação é a vontade *par excellence*.² O que dava a impressão de vir ao meu encontro estava repleto de resolução.

Certa ocasião, bem perto do final, eu disse: “Se você puder... se lhe for concedido... venha até mim quando eu também estiver em meu leito de morte.”. “Concedido!” ela prometeu.. “O Céu iria ter um trabalho danado para me deter; e, quanto ao Inferno, eu o faria em pedaços.” Ela tinha consciência de que usava uma espécie de linguagem mitológica, com uma pitada de comédia. Havia uma cintilação e uma lágrima no olho; mas não havia nenhum mito, nenhuma piada acerca da vontade, mais profundos que qualquer outro sentimento, a emanar dela.

Mas eu não devo — pois preciso chegar a interpretar em parte o que possa ser uma inteligência pura — não devo debruçar-me em demasia. Há também, independentemente do que signifique, a ressurreição do corpo. Não consigo entender. O melhor talvez seja o que entendemos menos.

As pessoas um dia não debateram sobre o fato de a visão derradeira de Deus ser mais um ato da inteligência ou do amor? Provavelmente, essa é mais uma pergunta absurda.

²Do francês, “por excelência” [N. do E.].

Como seria perverso, se pudéssemos fazer isso, conclamar os mortos a que voltassem! Ela nada disse a mim, exceto ao capelão: “Estou em paz com Deus”. Sorriu, mas não para mim. *Poi si tornò all’eterna Fontana*.³

³Trata-se do verso 93 do Canto XXXI do Paraíso, em *A divina comédia*, de Dante Alighieri: “Cosí orai; e quella, sí lontana / come pareo, sorrise e riguardommi; / poi si tornò a l’eterna fontana” [Assim orei; tão longe a sua frente / quanto ela parecia, riu e olhou-me; / e depois regressou à eterna fonte]. Tradução de Vasco Graça Moura, Venda Nova: Bertrand Editora, 1996, p.867 [N. do T.].

Outras obras de C. S. Lewis publicadas por Editora Vida

O GRANDE ABISMO

Em *O grande abismo*, C. S. Lewis vale-se mais uma vez de seu incomparável talento para fábulas e alegorias. O *escritor-narrador*, em sonho, pega um ônibus numa tarde chuvosa e dá início a uma viagem inacreditável, atravessando Céu e Inferno.

O PROBLEMA DO SOFRIMENTO

Esta obra nos ajudará a manter uma postura correta nos momentos de dor, enquanto aprendemos que nosso verdadeiro bem está em outro mundo e que nosso único tesouro real é Cristo.

MILAGRES

Nesta obra comovente e inspirada, C. S. Lewis destaca-se pelo seu entusiasmo, lucidez e imaginação característica com que leva o leitor a crescer em conhecimento e em reflexão a respeito do sobrenatural.

CARTAS A UMA SENHORA AMERICANA

Neste livro encantador está o homem Lewis - generoso, sábio, compassivo, notavelmente humano. E, o que é mais significativo, o Lewis cristão - encorajando com toda a paciência outra cristã a passar pelas vicissitudes da vida cotidiana.

Obras sobre C. S. Lewis publicadas por Editora Vida

C. S. LEWIS: O MAIS RELUTANTE DOS CONVERTIDOS

O autor David Downing oferece um olhar único à jornada pessoal de C. S. Lewis: de ateu estagnado ele passou a ser um dos mais amados e renomados autores cristãos de nosso tempo. Um livro inteligente, com pesquisa cuidadosa e de leitura altamente agradável que leva o leitor a ir fundo na história pessoal de Lewis.

PEDAGOGIA CRISTÃ NA OBRA DE C. S. LEWIS

A autora Gabriele Greggersen destaca que por trás de histórias simples e aparentemente ingênuas, Lewis demonstra, com seu talento e arte literária, todo o potencial didático desse tipo de literatura para o ensino de conceitos filosóficos universais e atemporais, capazes de nortear a prática do educador contemporâneo.

Esta obra foi composta em *AGaramond* e impressa
por Imprensa da Fé sobre papel *Chamois Fine 67*
g/m² para Editora Vida em dezembro de 2006.
2ª impressão da 1ª edição - junho de 2007

Nesta obra, C. S. Lewis mostra seu lado sombrio e amargo, até então desconhecido dos leitores. Apesar de ter escrito anteriormente sobre o sofrimento com sua usual clareza de idéias, é neste livro que suas emoções são colocadas à mostra. Com grande intensidade, o autor revela seu sentimento de indignação após a perda de sua amada e admite que estava sendo lapidado na fé e no amor a Deus:

Deus não esteve fazendo uma experiência com minha fé nem com meu amor a fim de avaliar-lhes o caráter. Ele já sabia isso. Era eu que não sabia. Nesse julgamento, ele nos faz ocupar o banco dos réus, o banco das testemunhas e o assento do juiz de uma só vez. Sempre soube que meu templo era um castelo de cartas. A única forma de me fazer compreender o fato foi colocá-lo abaixo.

CLIVE STAPLES LEWIS (1898-1963), autor de *As crônicas de Nárnia*, foi um dos gigantes intelectuais do século XX e um dos mais influentes escritores cristãos até hoje. Professor de Literatura Inglesa na Universidade de Oxford até 1954, quando foi eleito por unanimidade à Cadeira de Inglês Medieval e Renascentista na Universidade de Cambridge. Suas valiosas contribuições nos campos da crítica literária, literatura infantil, literatura de ficção e teologia trouxeram-lhe notoriedade e prestígio internacional. Os seus mais de 30 livros publicados atraem milhares de novos leitores a cada ano.

Categoria:
Literatura/Ensaio biográfico



www.editoravida.com.br

